

meSalva!

PARTE I

LI TE RA TURA



meSalva!

CURSO ENEM ONLINE

O melhor cursinho para o ENEM 2019 é o que te aprova no curso dos seus sonhos



Conte com a melhor preparação para a Prova do ENEM:



CONTEÚDO COMPLETO PARA O ENEM

+5.000 vídeos, 10.000 exercícios e aulas ao vivo todos os dias para tirar suas dúvidas



PLANO DE ESTUDOS PERSONALIZADO

Organizamos para você um cronograma de estudos de hoje até o ENEM



CORREÇÃO DE REDAÇÃO ILIMITADA

Receba notas e comentários para cada critério de avaliação do ENEM



SIMULADOS COM CORREÇÃO TRI

Simulados com correção no mesmo formato da Prova do ENEM

QUERO SER APROVADO!

PARTE I

LITERATURA

01

LITERATURA E IDENTIDADE NEGRA E INDÍGENA

meSalva!

NARRATIVA, IDENTIDADE E DIVERSIDADE

A Importância Social da Narrativa

Em muitos setores da nossa sociedade – e inclusive fora de nosso país – circula a ideia de que vivemos em uma espécie de Democracia Racial. Segundo essa perspectiva, negros, brancos e índios viveriam em harmonia. No entanto, para que nossa opinião não fique apenas no senso comum, **precisamos ouvir o maior número de vozes possíveis** e é preferível que essas vozes não sejam somente de pessoas não negras. Quer dizer, pessoas brancas podem falar que vivemos em uma democracia racial, e muitas falam, mas, para pensarmos sobre essa questão, precisamos ouvir o que os demais grupos têm a dizer.

Será que os negros concordam com essa ideia de harmonia? Quando estudamos poemas, músicas, literatura, enfim, narrativas produzidas por pessoas negras, essa democracia racial é questionada.

Há um pensamento de uma escritora estadunidense que traz uma ideia bastante interessante sobre a importância da narrativa e é esse o conceito de narrativa que pode ser o norteador para a nossa reflexão.

"O grande poder da narrativa é expressar com muita intensidade os sentimentos das pessoas, e é isso que temos que escutar: a dor, o desespero, o medo e a humilhação do outro e deixar que isso nos transborde, nos perturbe."

(Karen Armstrong)

A literatura pode dar voz a identidades e narrativas negro-brasileiras na maior parte das vezes escamoteadas nas escolas, na televisão e no cinema. A literatura pode nos ajudar a perceber que muitas dessas vozes estão falando das mazelas que sofrem devido à desigualdade, ao preconceito, ao racismo silencioso.

Pode ser importante, especialmente na atualidade, levarmos em conta a seguinte perspectiva: **O empoderamento e a liderança de uma causa, de uma luta que fale da situação indígena, por exemplo, só pode ser feito por índios – o que não quer dizer que quem não é índio não possa apoiar a causa, mas os não índios somente podem se conscientizar dessa luta bem particular a partir da voz, da narrativa do índio.**

O empoderamento e a liderança de uma causa, de uma luta, que vai falar da situação do negro só pode ser feita por negros – o que não quer dizer que quem não é negro não

possa apoiar a causa, mas só vai entender essa luta a partir da voz e da visão daquele que vivencia uma realidade que um branco não sente na própria pele.

E esse é o sentido político e social da narrativa. **A narrativa nos ajuda a nos colocarmos no lugar do outro**, a acessar uma realidade que pode, às vezes, ser distante da nossa. As narrativas podem nos sensibilizar e nos tornar mais éticos.

DEMOCRACIA RACIAL

A ONU apresentou, em 2014, um relatório afirmando que, ao contrário do que a maior parte dos brasileiros gosta de pensar, existe sim racismo no Brasil. Segundo o relatório, parte da sociedade nega a existência desse tipo de preconceito, pois existiria por aqui **o mito da democracia racial**, e é justamente esse mito que torna difícil a discussão sobre o racismo, muitas vezes considerada polêmica e não bem-vinda.

O racismo só pode ser combatido se a sua existência for admitida!

"A construção de um país pós-racial, de um Brasil em que nós não teríamos de nos preocupar com a cor da pele das pessoas, com a raça das pessoas e com o problema do racismo é uma meta que eu compartilho, mas infelizmente é ainda uma ficção."

(Joel Zito Araújo, cineasta e pesquisador Brasileiro)

Desde 1984, Joel Zito se dedica a fazer filmes, a escrever textos e livros que buscam falar dos sonhos, das angústias, das fantasias e dos desejos da população afro-descendente. O que é ter origem negra no Brasil? O que significa ter, no conjunto de sua identidade, o fato de ser negro?

Uma pesquisa de Joel Zito, que virou filme e livro, chamada *A Negação do Brasil*, fala sobre a história do Negro na telenovela brasileira. Joel Zito e sua equipe passaram 5 anos pesquisando e examinando mais de 500 novelas que foram ao ar no período de 1962 a 1998. E eles perceberam que **a televisão e a telenovela promovem uma espécie de estética do branqueamento**. Em cerca de 90% das novelas, os negros apareciam como jagunços, serventes, bandidos, motoristas – representando situações de subalternidade em geral. Retrato de que não superamos um passado escravocrata. Os mocinhos e os galãs da televisão, por outro lado, são as pessoas que têm características mais europeias, germânicas, olhos claros e cabelos louros.

ALGUNS DADOS COMPLEMENTARES

- Apesar de mais da metade da população brasileira ser negra, os negros e negras têm menos acesso à saúde e à educação no país. E a maioria dos jovens assassinados nas periferias do Brasil é negra.
- O Brasil foi o país que mais teve escravos no mundo e foi, também, o país que mais demorou para abolir a escravidão.
- De acordo com o Cadastro Nacional de Adoção de Setembro de 2011, a maior parte das crianças que estão esperando serem adotadas são crianças negras. Somente 585 pessoas, buscando adoção, declararam que aceitariam crianças negras, enquanto 10 mil declararam abertamente que só aceitariam crianças brancas.

AS VOZES NÃO OUVIDAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Quando estudamos literatura brasileira pelos livros didáticos e pelos manuais de literatura consagrados, o único poeta negro ou mulato que figura nessas listas é Cruz e Souza, aquele famoso poeta do Simbolismo.

Cruz e Souza nasceu em Florianópolis e foi filho de escravos libertos, tendo sido, mais tarde, adotado por um marechal que o acolheu, lhe deu casa e um ensino de altíssima qualidade. O poeta, negro que nasceu no fim do século XIX, período de ideologia fortemente racista e excludente, teve muitos problemas de segregação social e conseqüente sofrimento. Esse sofrimento aparece em sua literatura, porém **a poesia de Cruz e Souza não é uma poesia que fale do racismo**, pois o poeta não assume sua negritude, pelo contrário, nega sua própria identidade – e podemos compreender o motivo, é claro, considerando toda a segregação que sofreu.

No entanto, uma série de outros poetas e escritores negros que fizeram poesia de combate, poesia que denunciava o racismo e que lembrava o passado escravocrata do país não figuram nos principais livros de História da Literatura. Talvez a resposta para essa lacuna esteja em um verso de um poema de Jamu Minka, outro poeta que não figura nesses livros.

O Brasil nega negro que não se nega.

[Jamu Minka - Efeitos Colaterais]

CUTI E A PALAVRA NEGRO



Cuti é o pseudônimo de Luiz Silva, que nasceu em São Paulo em 1951. Ele é formado em Letras (Português-Francês) pela USP e é Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Brasileira pela UNICAMP.

O autor teve um papel bastante importante na Literatura Brasileira na divulgação da experiência do afro-brasileiro na literatura e de narrativas produzidas por negros.

Ele foi um dos fundadores do QUILOMBHOJE LITERATURA, que é uma mídia fundada por um grupo paulistano de escritores, Cuti entre eles, que tem o objetivo de discutir e divulgar a experiência afro-brasileira na Literatura, difundir literatura negra e incentivar pesquisas e estudos sobre narrativas negro-brasileiras.

Cuti também foi um dos criadores da série CADERNOS NEGROS, lançada em 1978 com 8 poemas. Desde então, todo ano tem sido publicada uma edição nova dos CADERNOS, trazendo poesias, contos e outras narrativas de autores brasileiros. É o maior veículo que temos no Brasil com o objetivo de dar visibilidade à literatura negra, pois não existem outras antologias publicadas regularmente com literatura afro-brasileira.

Além disso, Cuti é poeta, contista e dramaturgo. Entre o fim da década de 70 e hoje, ele publicou vários livros.

POESIA: *Poemas de Carapinha* (1978); *Batuque de Tocaia* (1982) e *Negroesia* (2007).

CONTOS: *Contos Crespos* (2008)

TEATRO: *Dois na Noite e outras peças do teatro negro-brasileiro* (1991)

Site do Cuti – www.cuti.com.br

Site do Quilombhoje: www.quilombhoje.com.br

O autor é também ensaísta e é a reflexão de um de seus textos que trazemos para vocês. O Ensaio se chama **Quem tem medo da palavra negro?**

Uma das perguntas em que o ensaio de Cuti se centra é:

"Por que a palavra negro vem sendo banida tanto por racistas quanto por pessoas que advogam as africanidades no Brasil?"

Em muitos contextos e para muitas pessoas, a palavra "negro" passou a não poder ser usada, devendo ser substituída por afro-descendente ou afro-brasileiro.

Para responder a pergunta central, a argumentação do autor é a de que

1) a humanidade nasceu na África, então **somos todos afro-descendentes** e, ainda, afro-brasileiros somos todos nós, os brasileiros. Para Cuti, a palavra "afro" não representa a pessoa humana que tem o fenótipo pele escura, cabelo crespo, nariz geralmente largo, lábios mais cheios e que uma determinada história no Brasil, um determinado passado escravocrata, uma determinada posição na sociedade. Um "afro" pode ser branco.

2) as palavras trazem em si conteúdo, trazem história e a palavra NEGRO traz em si toda a história do Racismo no Brasil e em outras regiões do mundo. A palavra NEGRO não isenta o Racismo, não nos deixa esquecer o RACISMO. Desde a Antiguidade, em outros idiomas, em outras regiões vêm acumulando história e trazendo um sentido quase sempre negativo; dentre eles, foi utilizada para afirmar que os africanos de pele escura são inferiores aos brancos.

Grande parte dos movimentos negros usou a palavra negro: FRENTE NEGRA BRASILEIRA, MOVIMENTO NEGRO, MOVIMENTO NEGRITUDE, nos EUA o Black Power.

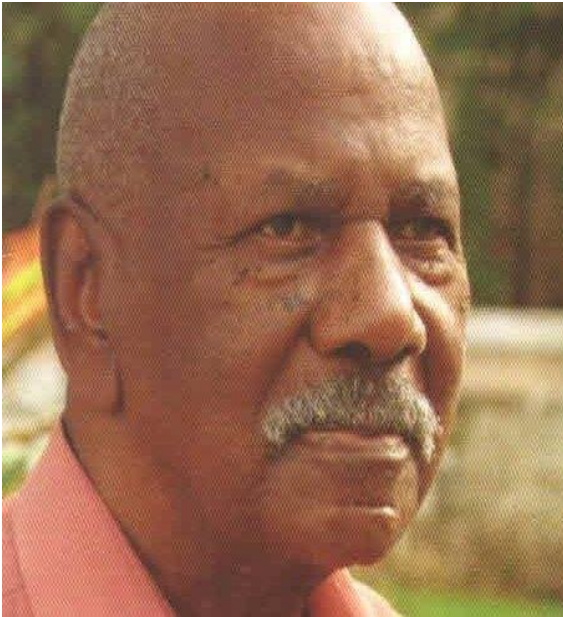
O autor quer criar um jogo duplo com a palavra NEGRO, usá-la para não esquecermos de suas marcas históricas, de **opressão escravista e racismo**, mas ao mesmo tempo trazer orgulho ao dizer "Eu sou Negro", transformar em positivo o que era negativo. Em um país que nega o racismo, que quer mascarar sua existência, esta é a importância da palavra negro na perspectiva do autor.

PARA OUVIR E ENTENDER “ESTRELA”

se o papai-noel
não trouxe boneca preta
neste natal
meta-lhe o pé no saco!

Poema do Livro *Negroesia*, 2007

CARLOS DE ASSUMPÇÃO



Poeta nascido em 23 de maio de 1927 em Tietê/SP, é formado em Letras e Direito e durante os anos 50 foi frequentador da Associação Cultural do Negro, no centro de São Paulo, onde se encontrava com ativistas da extinta Frente Negra Brasileira.

Ficou em primeiro lugar no II Concurso de Poesia Falada de Araraquara/SP em 1982, com o grandioso **Poema Protesto**.

Apesar do prêmio nos anos 80, o Poema Protesto é dos anos 50. Milton Santos, geógrafo brasileiro, disse que o poema, junto do discurso *I Have a Dream*, de Martin Luther King, foram os dois maiores clamores pela liberdade, pelos direitos igualitários, pela paz e justiça dos negros.

Poema Protesto

Carlos de Assumpção

Senhores

Atrás do muro da noite

Sem que ninguém o perceba

Muitos dos meus ancestrais

Já mortos há muito tempo

Reúnem-se em minha casa

E nos pomos a conversar

Sobre coisas amargas

Sobre grilhões e correntes

Que no passado eram visíveis

Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis mas existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos nos sonhos na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da Pátria
Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará
Comovido ante meu sofrimento
Quem é que está gritando
Quem é que lamenta assim
Quem é?
E eu responderei
Sou eu irmão
Irmão tu me desconheces
Sou eu aquele que se tornara
Vítima dos homens
Sou eu aquele que sendo homem
Foi vendido pelos homens
Em leilões em praça pública.

Linhagem

Carlos de Assumpção

Eu sou descendente de Zumbi
Zumbi é meu pai e meu guia
Me envia mensagens do orum
Meus dentes brilham na noite escura
Afiados como o agadá de Ogum
Eu sou descendente de Zumbi
Sou bravo valente sou nobre
Os gritos aflitos do negro
Os gritos aflitos do pobre
Os gritos aflitos de todos
Os povos sofridos do mundo
No meu peito desabrocham
Em força em revolta
Me empurram pra luta me comovem
Eu sou descendente de Zumbi
Zumbi é meu pai e meu guia
Eu trago quilombos e vozes bravias dentro de mim
Eu trago os duros punhos cerrados
Cerrados como rochas
Floridos como jardins

CAROLINA MARIA DE JESUS E A ESCRITA DA RESISTÊNCIA



Carolina Maria de Jesus é uma escritora de grande importância para a nossa literatura. Sua história e sua escrita têm muito a nos dizer e a nos ensinar. No entanto, a escritora permanece desconhecida e não figura nos manuais de literatura, nem se fala sobre ela na maioria, talvez, das escolas de nosso país.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, uma comunidade rural de Minas Gerais. Foi autora de diários e de um romance e também foi poeta. Se é difícil que mulheres tenham destaque na história da literatura, quando essa mulher é negra e "favelada" – para usar uma expressão que a própria Carolina usava – fica mais difícil ainda. Apesar do sucesso editorial que o livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, lançado em 1960, teve, hoje não é muito fácil encontrá-lo nas livrarias, mesmo que tenha sido traduzido para mais de dez idiomas!

Carolina Maria de Jesus frequentou a escola por apenas dois anos. Foi auxiliar de cozinha e doméstica e, entre 1948 e 1961, morou na favela Canindé, em São Paulo, sobrevivendo como catadora de papel e de ferro velho. Enquanto isso, para sobreviver, para resistir à miséria, para ir além dessa vida dura, Carolina escrevia, **escrevia como forma de resistência**, para sobreviver, porque talvez todos nós precisemos de algo além da sobrevivência, mas existem pessoas que não têm esse luxo, o luxo de ter uma vida que vá além da mera sobrevivência.

Carolina **resistia e escrevia**. Além do trabalho pesado, tinha três filhos e, em noites de insônia, refletia sobre a vida e a desigualdade social. Um belo dia, o trabalho de Carolina foi reconhecido, um jornalista conheceu Carolina e decidiu publicá-la. O jornalista publicou um artigo sobre a autora em 1959 e ajudou Carolina a publicar *Quarto de Despejo*, a reunião de

vários diários da autora. O livro teve sucesso e ela conseguiu se mudar para uma casa melhor em um bairro de classe média, mesmo que depois, não tendo se adaptado à vida no bairro, Carolina tenha se mudado para um pequeno sítio em outra região.

Seu livro mais famoso é *Quarto de Despejo*, um diário escrito em cadernos que a autora encontrava no lixo, **um diário no qual uma mulher negra, pobre, de pouca escolaridade, registra sua visão do mundo, sua rotina e as humilhações costumeiras daqueles que viviam na favela do Canindé.** O que dá coesão à narrativa, o que une um dia após o outro da vida de Carolina é a luta contra a fome. Seu trabalho pesado e precário, por mais esforço que ela faça, não vai tirá-la da pobreza. **A favela é o quarto de despejo da cidade, uma cidade que, devido à modernização dos anos 50, jogou os pobres para os cantos.**

“Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos”.

Carolina Maria de Jesus

Carolina escreve para denunciar a difícil vida na favela, mas também para sentir-se, de alguma forma, menos miserável, mais humana, menos rebaixada!

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. Fiz o café e fui carregar água. Olhei o céu, a estrela Dalva já estava no céu. Como é horrível pisar na lama. As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.

Trecho de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*

CONCEIÇÃO EVARISTO E A ESCRREVIVÊNCIA



Todos nós falamos de um lugar. Todos nós, com nossas narrativas próprias, contamos, conscientes ou não, quem somos e quais são os fatores que nos atravessam ou quais são as dificuldades que encontramos para continuar.

Conceição Evaristo é mulher negra em um país ainda racista; nasceu em uma família de mulheres cozinheiras, faxineiras e empregadas domésticas. Ela destaca, em sua

obra, a vida dessas mulheres.

Filha de uma lavadeira, Conceição conheceu desde cedo o racismo. Já foi babá e empregada doméstica, fez graduação em Letras e hoje é Doutora em Literatura Comparada e professora na Universidade Federal Fluminense. Ela publicou seu primeiro poema em 1990 no Cadernos Negros, editado pelo grupo Quilombhoje. É autora do romance *Ponciá Vicêncio* (2003) e do livro de contos *Olhos d'Água* (2014).

“Eu sempre tenho dito que a minha condição de mulher negra marca a minha escrita, de forma consciente inclusive. Faço opção por esses temas, por escrever dessa forma. Isso me marca como cidadã e me marca como escritora também.”

Conceição Evaristo

Daí surge o conceito de **Escrevivência**, criado pela própria Conceição, que significa, basicamente, **trazer a vida para a escrita e escrever para viver**. Escrever e viver são ações que se entrecruzam!

As histórias que Conceição ouviu durante toda a sua infância não vinham dos livros, mas da oralidade! Das histórias das culturas africanas que ela ouviu; o contato com a escrita só veio na escola.

Diz a autora em entrevista:

“O que eu tenho pontuado é isso: é o direito da escrita e da leitura que o povo pede, que o povo demanda. É um direito de qualquer um, escrevendo ou não segundo as normas cultas da língua. É um direito que as pessoas também querem exercer. (...) E quando mulheres do povo como Carolina (referência à Carolina Maria de Jesus), como minha mãe, como eu, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado, né? **A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito.** (...) Então eu gosto de dizer isso: escrever, o exercício da escrita, é um direito que todo mundo tem. Como o exercício da leitura, como o exercício do prazer, como ter uma casa, como ter a comida (...). A literatura feita pelas pessoas do povo, ela rompe com o lugar pré-determinado.”

PARTE I

LITERATURA

02

LITERATURA CONTEMPORÂNEA

meSalva!

O QUE É O CONTEMPORÂNEO?

SOBRE AMAR DEMAIS O PASSADO

Vocês certamente conhecem alguém que adora usar as já clássicas frases: *No meu tempo era bem melhor* ou *Eu gostaria de ter nascido nos anos de 1960*, ou, ainda, *Eu nasci na época errada*. Talvez vocês mesmos já tenham dito essas frases. Quando dizemos que gostaríamos de ter nascido em uma época anterior àquela na qual nascemos, podemos estar nos referindo a valores que já não nos acompanham ou a aspectos culturais, como música, literatura e cinema. Talvez gostemos muito, por exemplo, de The Beatles, Pink Floyd, Os Mutantes, etc., e não tanto das músicas produzidas no tempo em que estamos. Daí a vontade de ter nascido em outro momento.

No entanto, já pararam para pensar que, caso vocês fossem contemporâneos das bandas de que tanto gostam, talvez, não gostassem delas? É claro que vocês poderiam gostar e é claro que podem gostar de muitas bandas, cantores/cantoras, escritores/escritoras atuais, mas essa introdução cheia de perguntas e pulgas tem um motivo: questionar uma ideia que pode ser bem comum quando falamos de música, literatura, cinema e artes. A ideia de que um livro, filme ou música tem valor superior unicamente por pertencer a uma época passada.

Essa ideia fazia com que, nos meus tempos de escola e nos meus tempos de faculdade, os professores de literatura nunca, ou quase nunca, discutissem ou apresentassem autores contemporâneos.

É claro que obras clássicas podem ser deliciosas! Talvez, por isso, sejam clássicas, porque venceram, como se diz, ao “teste do tempo” e, mesmo séculos depois de terem sido escritas, continuam nos dizendo alguma coisa. Aposto que se vocês lerem *Frankenstein*, de Mary Shelley, romance publicado em 1818, vão se apaixonar. Aposto, também, que farão incríveis relações entre este romance do século XIX(!!!) e a nossa sociedade do século XXI, nesse particular momento histórico em que o preconceito ao diferente da “norma” parece estar, mais uma vez, em voga.

Os clássicos são muito legais, mas as obras contemporâneas também são geniais!

Imaginem o seguinte: Vivemos em meio a diversas redes sociais, certo? Essas redes sociais têm muitos aspectos positivos, mas, também, vocês talvez já

tenham percebido que o uso que fazemos delas, como sociedade, apresenta lados negativos. Agora, imaginem ler um romance no qual o autor crie uma sociedade em que a privacidade é praticamente um crime, pois todos são quase que obrigados a compartilharem tudo o que experenciam nas redes? Esse romance existe! Chama-se *O Círculo*, do escritor estadunidense Dave Eggers; foi publicado em 2013 e é uma incrível reflexão, em forma de romance, sobre a era da internet. É o que chamamos, em literatura, de uma distopia, ou seja, é um romance que constrói uma sociedade futura bastante sombria e, geralmente, pouco democrática. As distopias clássicas do século XX são *1984* de George Orwell, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury.

O CLÁSSICO E O CONTEMPORÂNEO

É importante brincarmos com o significado das palavras. E, a partir dessa brincadeira, podemos dizer que “contemporâneo” é aquilo que decidimos que é contemporâneo! Eu, como leitor, posso ler, vamos repetir o exemplo, *Frankenstein* e me sentir completamente contemporâneo desse texto do século XIX por perceber que o romance ainda faz sentido hoje. Então, pronto, Mary Shelley passa a ser minha contemporânea, mesmo que tenha vivido há dois séculos.

No entanto, o legal de lermos Literatura produzida num tempo bem próximo ao que nós vivemos, ou produzida no tempo em que nós vivemos, é dialogar com a visão de mundo que autores e autoras têm do momento presente. A distopia *1984*, de George Orwell, publicada em 1948, é supercontemporânea. Porém, a presença das redes sociais e a forma como nos relacionamos com ela só é possível de ser lida em um romance escrito por um autor que habita as primeiras décadas do século XXI.

É para estimular a leitura de autores mais atuais e de autores que, muitas vezes, ficam do lado de fora das salas de aula, que elencamos três grandes poetas contemporâneos que vocês precisam conhecer e que tem sua produção centrada na segunda metade do século XX, chegando, em alguns casos, ao início do nosso século XXI.

OS POETAS

PAULO LEMINSKI (1944-1989)

Se vocês nunca leram Paulo Leminski, é importante não perder essa experiência. E, antes de mais nada, que tal experimentar um dos poemas

Isso de querer ser
exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além.

(LEMINSKI, Paulo. Toda a poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)



mais conhecidos do autor já agora? Respira fundo e lê:

Conhecido por seus poemas curtos, Paulo Leminski foi um poeta curitibano, um escritor com uma biografia muito interessante. Se ele não foi exatamente aquilo que era, com certeza chegou bem perto.

Leminski morreu aos 44 anos de cirrose hepática, a mesma doença que matou Fernando Pessoa. Aliás, os dois morreram com a mesma idade! Toda a intensidade, a precocidade e a versatilidade da vida de Paulo Leminski fazem sentido quando a gente pensa que sua vida foi tão curta. Se é para morrer jovem, então que a vida seja intensa!

Leminski foi professor de História e de Redação em cursos pré-vestibulares e também foi professor de Judô. Aos 14 anos, viveu um ano em mosteiro em São Paulo, no qual teve a oportunidade de estudar muito. Desde criança, mostrou que seria um homem bastante intelectual e com vastos conhecimentos. Muito cedo, aos 20 anos, estreou na poesia, tendo publicado 5 poemas na revista Invenção,

dirigida por Décio Pignatari, um dos ícones da Poesia Concreta – estilo com o qual Leminski se identificou muito no início de sua carreira.

Como a obra de Leminski foi muito influenciada pelos Tropicalistas e pelos Concretistas, seus poemas dançavam pelo espaço da página, misturando elementos da publicidade às poesias, estabelecendo relações entre poesia e artes visuais. Enfim, as palavras de ordem no trabalho de Leminski eram Liberdade e Criatividade!

Estudioso da cultura japonesa, Leminski foi autor de vários haikais, que são poemas da tradição japonesa que geralmente tem três versos. Como esse aqui:

Vazio agudo
ando meio
cheio de tudo

(LEMINSKI, Paulo. Toda a poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)

As principais obras do autor são Quarenta Clics em Curitiba (1976), Caprichos e Relaxos (1983), que reúne obras que ele havia publicado independentemente sem vínculo com editoras, e sua última obra é Distraídos Venceremos (1987).

Se vocês se interessaram por esse grande cara, leiam mais de suas poesias e assistam a Ervilha da Poesia, um documentário para a televisão feito em 1985 no qual vemos o poeta praticamente dando uma aula de poesia.

não discuto
com o destino

o que pintar
eu assino.

(LEMINSKI, Paulo. Toda a poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)

PAUSA PARA A POESIA?

CONTRANARCISO

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós.

(LEMINSKI, Paulo. Toda a poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)

WALY SALOMÃO (1943-2003)

Waly Salomão foi um poeta baiano nascido em 1943, na cidade de Jequié. Formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, mas, muito elétrico para seguir uma profissão só, nunca exerceu o Direito.

E Waly foi muitos, viveu várias vidas na mesma vida!



[Waly](#)

Como ele mesmo escreveu em um verso:

“Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.”

Além de um grande poeta que produziu maravilhosos poemas, Waly foi produtor cultural, diretor artístico, letrista e atuou como protagonista em um filme sobre o poeta baiano Gregório de Matos Guerra. No fim da vida, chegou a ser funcionário do Ministério da Cultura, como Secretário Nacional do Livro, durante a gestão de Gilberto Gil. Morreu jovem, aos 59 anos, em 2003. Waly escreveu poemas e músicas que foram interpretadas por artistas como O Rappa, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Adriana Calcanhoto.

Estreou na literatura em 1972 com *Me Segura qu'eu vou dar um troço*. O livro foi escrito no período em que o poeta passou na prisão durante a Ditadura Militar.

Tudo o que a gente não pode esperar de Waly Salomão é uma poesia comportada. Seu primeiro livro mistura poesia com texto em prosa, imagens com desenhos, traz letras em negrito e em caixa alta. No segundo livro de Waly, o *Gigolô de Bibelôs*, ele produziu, por exemplo, um poema escrito em forma de peça de teatro, escrito com letras brancas em uma página com fundo negro.

Waly subverteu a poesia; foi, enfim, um poeta rebelde. E não poderia deixar de ser, considerando a época em que viveu. Não só por causa da Ditadura

Militar – uma vez que tempos de imposição e autoritarismo geram mais rebeldia entre aqueles que não se conformam –, mas também porque era influenciado pela contracultura, pelo movimento hippie dos anos 60 e pela Poesia Concretista, que, como estudamos, é uma poesia que usa o espaço da folha de maneiras nada convencionais.

Influenciado pelos Modernistas Brasileiros e também pelo movimento Tropicalista, ao qual esteve ligado, a poesia de Waly não era “arrogante”, misturava o erudito e o popular sem colocar a arte em cima de uma torre de marfim inacessível.

Principais Obras

Me segura que eu vou dar um troço (1972)

Gigolô de Bibelôs (1983)

Algaravias (1996)

Pescados Vivos (2004)

PAUSA PARA A POESIA?

PONTOS DE LUZ

Me sinto contente
Me sinto muito contente
Ouso dizer completamente contente.

Me arrisco a falar
Me sinto feliz
Me sinto muito feliz
Ouso dizer completamente feliz.
Me sinto completamente
Completamente.

(SALOMÃO, Waly. Poesia Total. São Paulo: Companhia das Letras, 2014)

PARA DEIXAR COM COCEIRA NA CABEÇA!

Em uma entrevista, Waly Salomão disse:

“Arte não tem nada a ver com entendimento ou não tem quase nada a ver com entendimento.”

ANA CRISTINA CÉSAR (1952-1983)

Paulo Leminski e Waly Salomão podem até, de alguma forma, serem considerados poetas um pouco marginais, pois não são conhecidos pelo grande público e não aparecem em muitos manuais e livros didáticos de Literatura, nem são comentados nas escolas por professores mais tradicionais. No entanto, marginal mesmo foi a poetisa Ana Cristina César, invisível à crítica literária, até por ser mulher. E, dentro dessa questão de gênero, cabe lembrar que, para os críticos tradicionais, houve espaço para poucas grandes mulheres escritoras na História da Literatura Brasileira: Clarice Lispector, Cecília Meireles e, em menor escala, Raquel de Queiróz. A História da Literatura Brasileira foi escrita basicamente por homens.



Ana Cristina César ou Ana C., como é conhecida, nasceu no Rio de Janeiro em 1952. Foi poeta, jornalista, tradutora e crítica literária. Formada em Letras pela PUC do Rio de Janeiro, envolveu-se, no meio universitário, com poetas, professores e intelectuais e passou a frequentar grupos de poesia marginal e grupos de combate e questionamento à Ditadura Militar.

[Ana C.](#)

Ana C. viveu da Literatura e viveu a Literatura! Mulher sensível, sentia a vida com todos os poros, com intensidade. Os sensíveis geralmente são intensos e, segundo dizem, ela foi uma mulher muito intensa.

Em carta para um amigo escreveu:

“Não sei como poderei pegar no sono. A literatura me perturba. Uma caixa cheia de cartões-postais me perturba. A renúncia me perturba. Até uma caixa d'água, um otorrino gauche, um índice onomástico. Tomo tudo na veia”.

Ana C. escrevia compulsivamente, escrevia como quem respira. Segundo um poeta, amigo da autora, Ana ditava para a mãe o que ela queria escrever mesmo antes de aprender a lidar com a palavra escrita. Com dez anos de idade, já tinha um caderno cheio de poemas.

Tudo o que Ana C. escreveu virou Literatura, virou matéria para Literatura. E esse é um aspecto importante do trabalho da autora. Diversos gêneros compõem o conjunto de sua obra. Poesia, manuscritos, cartas e diários, que hoje são lidos e estudados.

POESIA MARGINAL/GERAÇÃO MIMEÓGRAFO

Para falar de Ana C., precisamos mencionar a **Poesia Marginal** ou a **Geração Mimeógrafo**, que surgiu na década de 70 no Brasil. Geração Mimeógrafo, pois os escritores que aderiram a esse grupo não se utilizavam dos meios tradicionais de circulação de obras, ou seja, não eram publicados por meio de editoras. Esses autores publicavam seus próprios livros, divulgavam e os vendiam, ficando, dessa forma, às margens do sistema editorial. E por que eles faziam isso?

Um dos motivos era o **contexto de repressão** e de **censura** à arte que havia na época da Ditadura Militar. Então, essa atitude era uma forma de escapar da censura.

Ana C. vivenciou essa lógica de trabalho. Seus três primeiros livros – Cenas de Abril, Correspondência Completa e Luvas de Pelica – são edições artesanais feitas pela própria autora.

O seu primeiro livro publicado por uma editora foi A Teus Pés, em 1982.

Ler Ana C. não é tarefa fácil, mas é uma experiência recompensadora. Quando a gente lê os poemas e os textos da autora, quando a gente lê poesia de forma geral, **fica uma importante dica para vocês**: não se preocupem em entender racionalmente tudo, não se preocupem em decodificar, em traduzir tudo, em querer interpretar cada palavra. Lembre-se do que disse Waly Salomão sobre a arte e não sejam demasiado racionais. Apreciem a linguagem, **sintam a linguagem!** As palavras da poesia emitem sons bonitos mesmo quando a gente não consegue captar tudo que está dito. Quando a gente fala de arte, é mais importante SENTIR do que ENTENDER.

Por fim, Ana Cristina César – essa complexa e misteriosa poeta – nos deixou mais um mistério. Jovem, aos 31 anos, suicidou-se ao se jogar da janela de seu quarto, na casa dos pais, no Rio de Janeiro.

PAUSA PARA A POESIA?

NADA, ESTA ESPUMA

Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever
mas não sei se a deusa sobe à superfície
ou apenas me castiga com seus uivos.
Da amurada deste barco
quero tanto os seios da sereia.

(CÉSAR, Ana C. Inéditos e Dispersos. IMS, 1998).

FISIONOMIA

Não é mentira
é outra
a dor que dói
em mim
é um projeto
de passeio
em círculo
um malogro
do objeto
em foco
a intensidade
de luz
de tarde
no jardim
é outra
outra a dor que dói

(CÉSAR, Ana C. A Teus Pés. São Paulo: Companhia das Letras, 2016)

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE POESIA

O que é poesia, afinal? Ou ainda, quem tem medo de poesia? Ou, quem não gosta de poesia, mas nunca leu? Ou, quem não gosta de poesia, porque não entende nada do que está lendo? São muitas perguntas, mas o fato é que vocês não podem deixar de ter poesia nas suas vidas, queridos leitores e queridas leitoras, porque, como diz o cantor e compositor Bob Dylan, grande poeta da Literatura estadunidense, *poetry is to inspire*, ou seja, **poesia é para inspirar**. E

Bob Dylan, aliás, ganhou o Nobel de Literatura de 2016, mostrando ao mundo – que reagiu de diferentes formas à premiação, uma vez que ele não é um escritor – a profunda relação entre música e poesia.

Nos anos 1960, *Blowin' in the Wind* se tornou uma das músicas mais famosas de Bob Dylan, tanto pela beleza da composição, quanto sobre o alerta que o cantor estava fazendo



nós não podemos viver sem inspiração, podemos?

[Bob Dylan](#)

How many times can a man turn his head and pretend that he just doesn't see?

OU

Quantas vezes pode um homem virar a cabeça e fingir que não enxerga?

Quer dizer, podemos, nós, continuar caminhando, continuar vivendo e fingindo que não enxergamos a desigualdade social, as guerras, a violência, a obsessão por dinheiro que gera tanta desumanidade? Na música-poesia de Dylan,

escrita durante o período da Guerra do Vietnam, os metafóricos versos nos fazem pensar sobre isso.

E não nos cabe definir o que é poesia? As definições ficam para os livros didáticos, focados em sua preocupação de enquadrar o mundo em conceitos tão estáticos; as definições ficam para as provas nas quais temos que preencher lacunas para ganhar uma nota; poesia é, como diria o poeta Maiakóvski, uma viagem ao desconhecido.

No poema Limites ao Léu, Paulo Leminski traz uma série de vinte de duas definições do que é poesia a partir da concepção de diferentes autores. Quer dizer, a indomável poesia não se presta a definições e cada poeta, bem como cada leitor, cria o seu próprio conjunto de sentidos. **O que importa é experienciar, e não conceituar!** No entanto, talvez o que um poema que traga tantas diferentes definições nos indique é que poesia é liberdade e é território no qual não há possibilidade de fixar limites ou conceitos. Como diz o próprio Leminski, “A poesia é a liberdade da minha linguagem”.

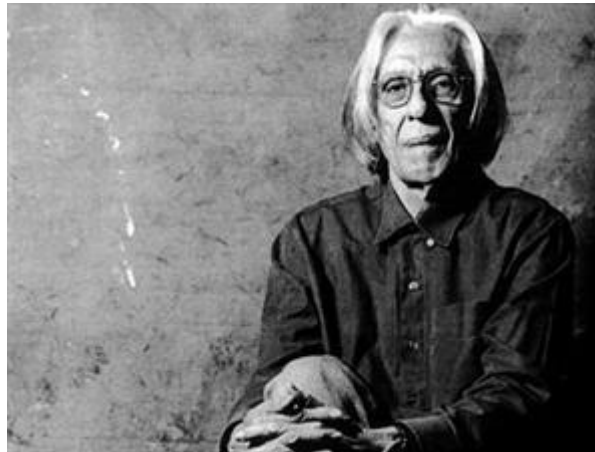
OS POETAS

FERREIRA GULLAR (1930-2016)

Ferreira Gullar – poeta maranhense cujo nome verdadeiro era José Ribamar Ferreira – foi um dos poetas mais significativos da Literatura Brasileira do Século XX.

A característica mais importante da poesia de Gullar, aquilo que sempre se destacou em sua obra, foi o **engajamento político** de seus poemas. Gullar transformou versos em balas de canhão, poesia em instrumento para fazer denúncia social. E denúncia em vários sentidos. Gullar denunciou a **desigualdade social**, criticou o fato de que muitas poesias não tinham espaço para a política e se opôs fortemente, com sua literatura, à **Ditadura Militar**.

Militante do Partido Comunista Brasileiro, forte opositor da Ditadura, homem completamente engajado, Gullar foi um poeta afetado pela História. Ele sentia as dores dos problemas sociais e abordava essa realidade em sua poesia.



A carreira do autor começou nos anos 50. Gullar já entrava no mundo da Literatura explodindo com a sintaxe e com as regras da língua. Seu primeiro livro, chamado *A Luta Corporal*, foi publicado em 1953. Original, ele antecipou o Movimento Concretista, usando o espaço da folha com liberdade, criando sons que não existiam, revolucionando e brincando com a linguagem. Enfim, decidiu não se dobrar às regras da língua.

Nos anos 60, entretanto, é que ele começa a olhar um outro Brasil, o Brasil da fome, da desigualdade, de má distribuição de terras e, mais tarde, da repressão e da Ditadura.

Exilado por causa do Regime Militar, Ferreira Gullar escreveu, na Argentina, seu livro mais famoso. Escrito em 1975 e publicado no ano seguinte, surge **Poema Sujo**, produzido quando o poeta temia pela sua própria vida e, como ele mesmo disse em uma entrevista, seu pensamento foi: “enquanto é tempo eu vou dizer o que me resta dizer”.

Poema Sujo é um **poema protesto**, testemunho de uma situação política e social de violação de direitos humanos, de torturas, de censuras, e de, enfim, inexistência de democracia. *Poema Sujo* é uma excelente análise da política brasileira da época em versos. O livro é escrito num jorro descontrolado de prosa, sem pontuação, que mostra toda a raiva e a angústia de um escritor sensível às injustiças.

Trecho de *Poema Sujo*:

Ah, minha cidade suja
de muita dor em voz baixa
de vergonhas que a família abafa
em suas gavetas mais fundas
de vestidos desbotados
de camisas mal cerzidas
de tanta gente humilhada
comendo pouco
mas ainda assim bordando de flores
suas toalhas de mesa
suas toalhas de centro
de mesa com jarros
- na tarde
durante a tarde
durante a vida -
cheios de flores

de papel crepom
já empoeiradas.

(GULLAR, Ferreira. Poema Sujo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016)

PAUSA PARA UM POEMA?

Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão
O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras
– porque o poema, senhores,
está fechado:
“não há vagas”
Só cabe no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço
O poema, senhores,
não fede
nem cheira.

Esse poema aborda, pelo menos, duas questões. O fato de que existem pessoas que ganham um salário indigno e que isso é permitido por nossa estrutura social; e, em segundo lugar, critica poemas que não fedem nem cheiram, poemas que não se posicionam, que não levam em conta as contradições sociais.

ESTABELECENDO RELAÇÕES

Levando em conta a possibilidade de se fazer crítica social com poesia e pensando no poeta como alguém que se importa com o social, leia, abaixo, a letra da música Cartão de Visita, do cantor Criolo, e pense sobre o teor social dessa letra. Como essa canção poderia ser, a exemplo da obra de Ferreira Gullar, pensada como canção-protesto? Quais são os temas levantados?

Cartão de Visita

(Criolo e Tulipa Raiz)

Acende o incenso de mirra francesa
Algodão fio 600, toalha de mesa
Elegância no trato é o bolo da cereja
Guardanapos gold agradável surpresa
Pra se sentir bem com seus convidados
Carros importados garantindo translados
Blindados, seguranças fardados
De terno Armani, Loubotin sapatos
Temos de galão Dom Pérignon
Veuve Clicquot pra lavar suas mãos

E pra seu cachorro de estimação
Garantimos um potinho com pouco de Chandon
Mc Lon ta portando o vip
Tássia tem um blog de fina estirpe
Pra dar um clima cool te ofereço de brinde
Imãs de geladeira com Sartre e Nietzsche
Glitter, glamour, la maison criolê
O sistema exige perfil de tv
Desculpa se não me apresentei a você

Esse é meu cartão, trabalho no buffet

Acha que tá na mão, tá bom, tá uma festa
Menino no farol cê humilha e detesta
Acha que tá bom, né não, nem te afeta
Parcela no cartão essa gente indigesta
(Nem tudo que brilha é relíquia, nem jóia)

Governo estimula e o consumo acontece
Mamãe de todo mal a ignorância só cresce
Fgv me ajude nessa prece
O salário mínimo com base no dieese
Em frente a shoppins, marcar rolêzins,
Debater sobre cotas, copas e afins
O opressor é omissos e o sistema é cupim

E se eu não existo, por que cobras de mim?
O mamão papaia é cassis
Rum com sorvete de bis
Patrício gosta e quem não quer ser feliz?
Pra garantir o padê dão até o edi
Era tudo mentira, sonhei pra valer
Com você, eu ali, nós dois, cê vê tê
A alma flutua à leite, a criança quer beber
Lázaro, alguém nos ajude a entender.

HILDA HILST (1930-2004)

Hilda Hilst foi uma das mulheres mais intrigantes da Literatura Brasileira. Dedicou toda a sua existência à escrita, porém nunca teve grande reconhecimento de público, talvez pela dificuldade que muitos leitores tinham em acessar seus textos, considerados difíceis.



[Hilda Hilst](#)

Hoje, entretanto, as palavras de Hilda parecem agradar aos mais jovens, pois dentre os quase 15 mil seguidores de sua página no Facebook, metade deles tem entre 15 e 24 anos, segundo Daniel Fuentes, herdeiro dos direitos da obra do poeta.

Conhecida por ser possuidora de uma beleza hipnotizante durante a juventude, Hilda Hilst nasceu em Campinas em 1930 e morreu em 2004.

Formada em Direito, após ler o livro *Vida e Proezas* de Aléxis Zorbás do escritor grego Nikos Kazantzákis, ela optou por uma vida reclusa e, em 1964, passou a viver na fazenda de sua mãe, enquanto mandava construir uma casa para si nas redondezas. Em 1966 ficava pronta a **Casa do Sol**, ambiente construído para ser um lugar inspirador, um lugar para escrever e para viver, para vivenciar a escrita.

Nem tudo, é claro, são flores. Na existência de ninguém, aliás, existe apenas tranquilidade e alegria. O pai de Hilda, após um evento trágico, sofria de transtornos mentais e viveu grande parte da vida condenado à loucura. Com a sua morte, a autora herdou o dinheiro necessário para construir a Casa do Sol. No entanto, tanto a loucura quanto a morte do pai foram um fantasma na vida de Hilda.

Hilda habitou a Casa do Sol até o fim de seus dias. E lá recebeu e hospedou, dentre outros diversos artistas, Caio Fernando Abreu quando ele foi perseguido pela Ditadura Militar.

Poeta, romancista, contista e dramaturga, Hilda Hilst foi uma escritora fervorosa com mais de 40 livros publicados. Na verdade, ela não se limitou a

apenas um gênero e teve o sucesso de realizar uma grande obra em cada um dos gêneros a que se propôs a escrever. O conto, a poesia, o teatro e o romance.

Seu primeiro livro, no entanto, é de poemas. Presságio, datado de 1950, quando a autora tinha apenas 20 anos, foi um texto bastante elogiado pela poeta Cecília Meireles.

Mulher de palavras corajosas e de comportamento transgressor para a época, Hilda escreveu sem medo sobre sexo em suas polêmicas poesias eróticas. Nos anos 80, disposta a conquistar a atenção do grande público, Hilda mudou sua forma de escrever. Aí começam as poesias sobre sexo, que nem assim atingiram tantos leitores quanto ela esperava. A obra de Hilda é mais conhecida e respeitada no exterior do que no Brasil. Como ela mesma dizia, “as pessoas cagam pros poetas”.

PAUSA PARA UM POEMA?

Poemas aos Homens do nosso tempo

Amada vida, minha morte demora.
Dizer que coisa ao homem,
Propor que viagem? Reis, ministros
E todos vós, políticos,
Que palavra além de ouro e treva
Fica em vossos ouvidos?
Além de vossa RAPACIDADE
O que sabeis
Da alma dos homens?
Ouro, conquista, lucro, logro
E os nossos ossos
E o sangue das gentes
E a vida dos homens
Entre os vossos dentes.

(Fonte: <http://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-hilda-hilst/>)

Lobos? São muitos.

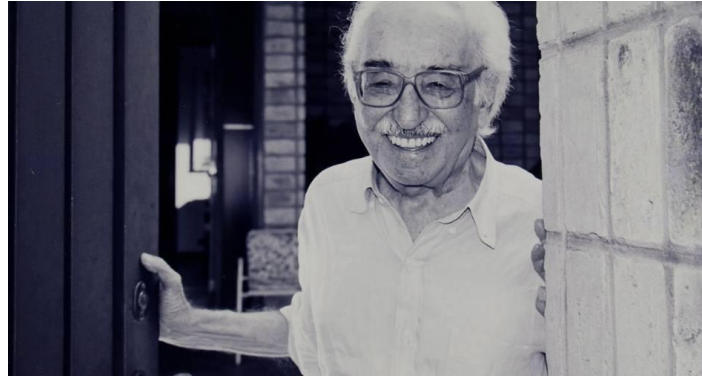
Mas tu podes ainda
A palavra na língua
Aquietá-los.
Mortos? O mundo.
Mas podes acordá-lo
Sortilégio de vida
Na palavra escrita.
Lúcidos? São poucos.
Mas se farão milhares
Se à lucidez dos poucos
Te juntares.
Raros? Teus preclaros amigos.
E tu mesmo, raro.
Se nas coisas que digo
Acreditares.

(Fonte: <http://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-hilda-hilst/>)

MANOEL DE BARROS (1916-2014)

Poema é lugar onde a gente pode afirmar que o delírio é uma sensatez.

Manoel de Barros



Manoel de Barros é o poeta do nada, é o poeta do ócio, é o poeta rebelde mais doce que houve, pois ele escrevia com a doçura e com a ingenuidade de uma criança. Sem querer ser raivoso contra um sistema que nos reduz a acreditar que precisamos preencher todo o nosso tempo somente com aquilo que é “útil”, que serve ao trabalho, ao dinheiro e ao status, Manoel escrevia com leveza. Leveza que em uma sociedade de tanta luta para conquistar o material é, por si só, revolucionária. Leveza por achar mais importante o bater de asas de uma borboleta do que o ouro.

Manoel de Barros foi um poeta nascido em Cuiabá em 1916. Ele morreu, recentemente, em 2014.

O poeta, que viveu quase um século, contou em uma entrevista que nunca parou em emprego nenhum, achava tudo chato, até que um dia conseguiu que sua fazenda rendesse e, a partir desse momento, pode virar um vagabundo profissional. Segundo o autor, **ele comprou o ócio para ficar à disposição da poesia**, esse terreno mágico no qual as coisas não são tão certinhas, tão quadradas, tão cinzas.

Dizia ele que: **Poesia é voar fora da asa.**

A primeira obra do poeta, datada de 1937, chamava-se Poemas Concebidos Sem Pecado. Eram poemas dentro da lógica do Modernismo Brasileiro. Manoel escreveu por muito tempo! De 1937 até a segunda década do século XX, dedicou-se à poesia, e aí podemos imaginar como a obra do autor foi se transformando nessas décadas.

Nos anos 40, Manoel passou dez anos no Pantanal e, durante esse período, sua poesia começou a abordar a natureza. Essa temática acompanhou o poeta

por toda a vida. Esse contato com a natureza é profundo e aparece na poesia do autor de um jeito lindo, de alguém que realmente sente a natureza.

Das muitas questões que poderíamos falar a partir da obra de Manoel de Barros, uma das mais essenciais tem a ver com o que podemos aprender sobre como é desoriginal olhar o mundo de forma quadrada. A poesia de Manoel de Barros nos ensinar que precisamos olhar para tudo de um jeito “maluco”, sem fronteiras.

**As coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul -
Que nem uma criança que você olha de ave.**

Então, não sejamos razoáveis, não sejamos previsíveis, vamos olhar para as nuvens e ver dinossauros! Esse poema encontra-se em um dos livros mais famosos do autor, O Livro das Ignorâncias, de 1993.

Um dos principais temas de sua obra é a busca pela simplicidade e a oposição ao excesso, ao “esplendor”. Em uma sociedade tão egocêntrica, na qual o brilho, a pompa, o excesso, a fama, o sucesso e a riqueza material são bens pelos quais as pessoas dão o sangue, temos um poeta que é um vagabundo profissional e que prefere as formigas ao luxo. O poeta está fora da lógica do brilho. Ele não tem esplendor. Ele é mais ferrugem do que fulgor. Em uma sociedade tão obcecada com o que é útil, com o que é palpável, com o que é quantificável, o poeta trabalha arduamente para fazer o que é desnecessário. A temática da simplicidade está muito bem representada neste poema abaixo:

Não é por me gavar
mas eu não tenho esplendor
Sou referente pra ferrugem
mais do que referente pra fulgor
Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário
O que presta não tem confirmação
o que não presta, tem.
Não serei mais um pobre-diabo que sofre de nobrezas
Só as coisas rasteiras me celestam.
Eu tenho cacoete pra vadio
As violetas me imensam.

Observem que o poeta afirma que não sofre de nobrezas. As violetas – essa coisa simples e bela da natureza – é que guardam o que ele mais precisa.

Temos aí a oposição entre o luxuoso e o simples, e quase sempre esse “simples”, na poesia de Manoel de Barros, é metaforizado por elementos da natureza.

Esse poema lindo está no Livro sobre Nada, de 1996, e é importante saber que, dentro da obra de Manoel de Barros, **o nada é tudo**.

Ler Manoel de Barros pode ser bem transformador!

PARTE I

LITERATURA

03

PRÉ-MODERNISMO: CONCEITO E AUTORES PRINCIPAIS

meSalva!

PRÉ-MODERNISMO: CONCEITO E AUTORES PRINCIPAIS

Galerinha, o que os críticos literários chamam de Modernismo na literatura brasileira está condicionado a um grande evento histórico, a Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em fevereiro de 1922. Considera-se que a Arte Moderna começa no Brasil a partir desse evento. Por isso, a literatura pré-modernista é a literatura que antecede essa passagem de grandes mudanças na história da arte e da literatura.

O período que se estende mais ou menos de 1900 a 1922 é um momento de transição na literatura; havia uma dificuldade de definir o que estava acontecendo na literatura daquela época. A literatura pré-modernista não é totalmente vinculada às tendências artísticas do século XIX (Realismo e Naturalismo), mas não é totalmente moderna.

É importante destacar que o Pré-Modernismo não é um movimento literário, não é uma escola literária. É, na verdade, um conceito cunhado pelo crítico literário Alceu Lima, que, nos anos 50, usou esse nome para explicar o que estava acontecendo em um momento de arte dividida entre passado e inovações presentes.

Alfredo Bosi – que é um dos mais importantes teóricos da literatura brasileira – define muito bem o período:

“Creio que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos de 1922) tudo o que, nas primeiras décadas do século XX, problematiza a nossa realidade social e cultural”.

Essa realidade social começa a se desenvolver no fim do século XIX, de maneira que dois fatos históricos bastante importantes na história do Brasil deflagraram problemas sociais graves apontados pelos pré-modernistas.

BRASIL – FIM DE SÉCULO XIX

1888 – Abolição da Escravatura

1889 – Proclamação da República

Em 1888, 700 mil pessoas que ainda eram mantidas no regime escravista são oficialmente libertas. A população do Brasil na época era de 6 milhões de pessoas. Uma parcela considerável de pessoas se tornam livres. No entanto, nos perguntamos: como um ex-escravo negro – devido à ideologia racista da época – vai conseguir um lugar na sociedade, se eles sequer eram considerados humanos? O que acontece é que **a falta de políticas para o desenvolvimento da cidadania do povo liberto** gerou uma marginalização dos negros dentro da realidade brasileira.

A Proclamação da República tem uma lógica bastante parecida. A República Velha que acontece no Brasil é um arranjo político. Os políticos de São Paulo e Minas Gerais estavam forjando eleições para se manterem no poder, para manter a lógica de sempre ter um presidente de São Paulo seguido de um de Minas Gerais no comando do país. É a chamada Política Café com Leite, pois São Paulo era um grande produtor de café, e o leite era parte importante da economia de Minas.

Nesse contexto não havia uma democracia, e sim uma oligarquia, ou seja, um governo para poucos. O governo não governava para todos, pois favorecia as elites, protegia os latifundiários e distribuía cargos públicos para **os seus aliados**. Esse governo oligárquico não faz sentido em um Brasil que começa a ter uma nova população com novos estratos socioeconômicos.

Os ex-escravos são parte importante dessa nova população, junto de imigrantes italianos, portugueses e espanhóis e de camponeses que vieram para a cidade buscar oportunidades. Como o governo trabalhava para as elites, esses novos estratos econômicos são marginalizados e se tornam operários com baixos salários, trabalhadores informais que batalham para viver. **Como consequência, a população de moradores de rua aumenta.**

As margens do sistema **CRESCEM** ...

IMIGRANTES

CAMPESESINOS

EX-ESCRAVOS

OPERÁRIOS

TRABALHADORES INFORMAIS

MORADORES DE RUA

↳ PERSONAGENS DA LITER.
PRÉ-MODERNISTA.

É com essa realidade que o Século XX começa no Brasil e é justamente essa realidade absurda de desigualdade socioeconômica que os escritores Pré-Modernistas denunciam.

Então, os protagonistas da literatura do pré-modernismo são personagens das classes econômicas baixas da sociedade brasileira.

Outra realidade denunciada pelos autores dessa época é a disparidade existente entre um Brasil Urbano e um outro Brasil, o Brasil Rural. Por que chamamos de outro Brasil? Devido à grande disparidade econômica e social entre o rural e o urbano.

No Brasil rural não há investimento, não há tecnologia, não há informação, não há saneamento. No Brasil litorâneo, no Brasil urbano, a história é outra. Mesmo com a desigualdade, há tecnologia e investimento. **Considerando esse paradoxo**, temos atraso e temos renovação; mais atraso do que renovação, no entanto.

E a literatura da época **retrata** tudo isso.

Resquícios culturais do século XIX
[Realismo, Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo];

Busca de novas formas de expressão;

Denúncia da Realidade Social [de diversos locais do Brasil].

Foco nos marginalizados do sistema.

PRINCIPAIS AUTORES

Euclides da Cunha

Lima Barreto

Monteiro Lobato

Simões de Lopes Neto

Augusto dos Anjos

DESTAQUES DO PERÍODO

EUCLIDES DA CUNHA (1866 – 1909)

O contexto de *Os Sertões* é o final de século XIX. Na terra árida do sertão da Bahia, com crises econômicas, falta de trabalho e seca, surge a figura de Antônio Conselheiro. Pregador do cristianismo em pequenas comunidades desde 1883, Conselheiro ajuda a população trabalhando solidariamente na construção de casas, cemitérios e capelas. Na década de 90, ele vai – e leva com ele centenas de fiéis – para uma pequena comunidade desértica chamada Canudos. Conselheiro funda uma comunidade cristã primitiva autônoma do Governo. Essa autonomia começa a preocupar os governantes e a Igreja tradicional. Surge o falso boato de que a comunidade de Canudos é antirrepublicana e que visa reinstaurar a monarquia. O exército é enviado para a região a fim de acabar com a comunidade. Começa a Guerra de Canudos. Euclides da Cunha, jornalista, é convidado a ir para o front de guerra e percebe, assim, a pobreza e a aridez da vida dos sertanejos.

A obra é dividida em três partes: A Terra – O Homem – A Luta. Mistura entre jornalismo e literatura, *Os Sertões* é uma obra também de pesquisa. Narração da realidade da injusta guerra, a obra parte de um estudo, por parte do autor, de Geografia, Antropologia e Sociologia com o objetivo de entender a situação do sertanejo e de interpretar – além da opinião do senso comum – a realidade do sertanejo.

"O sertanejo é, antes de tudo, um forte", diz Euclides da Cunha.

LIMA BARRETO (1881 – 1922)

Autor que figura entre os melhores escritores da literatura brasileira. Lima Barreto pertencia às classes baixas da sociedade brasileira. Pobre, mulato, marginalizado, o autor foi um grande expoente da denúncia social desse período. Nascido em uma família pobre, no Rio de Janeiro, Lima ficou órfão de mãe muito cedo; seu pai ficou louco e foi internado na Colônia dos Alienados, local onde trabalhava anteriormente. Alcoólatra e epilético, Lima teve uma vida bastante difícil e sua obra retrata a uma vida cheia de impedimentos e dificuldades.

Lima Barreto foi jornalista, autor de muitos textos bastante polêmicos com teor crítico ácido à figura do intelectual de gabinete (que não conhece a realidade das ruas e não usa seu conhecimento para melhorar a sociedade). Na obra de Lima encontramos:

Forte Denúncia Social

O autor mostrará a vida nos subúrbios, o lado marginal da cidade do Rio de Janeiro.

Linguagem Simples (Oralidade)

Em oposição à tradição literária brasileira, que usava a linguagem formal, ele usa em sua obra a linguagem coloquial. Por isso, foi bastante criticado.

Vida Cotidiana

O dia a dia do povo brasileiro mostrado sem idealizações. Não há poesia na maneira como o autor narra a realidade crua da vida dos integrantes das classes populares.

PRINCIPAIS OBRAS

Clara dos Anjos

Recordações do Escrivão Isaías Caminha

Triste Fim de Policarpo Quaresma

Sugestão de Leitura:

O Homem que Sabia Javanês (um dos melhores contos do autor).

AUGUSTO DOS ANJOS (1884-1914)

Poeta paraibano, Augusto dos Anjos é um caso raro na poesia brasileira. É muito difícil definir a obra do autor. Na época, os críticos se dividiam afirmando que ele era ora parnasiano, ora simbolista. É fato que o poeta trazia influências dessas duas correntes, mas a poesia do jovem autor estava à frente do seu tempo.

Augusto dos Anjos foi aceito pelo público, mas ignorado pela crítica que, conservadora, criticava a linguagem mais coloquial de seus trabalhos. Na verdade, esses críticos não estavam abertos a um novo tipo de arte que estava surgindo. A linguagem coloquial assumida integralmente tornou-se uma característica da Arte Moderna!

Forte marca da poesia do autor é a sua **linguagem científicista**. O poeta usa uma linguagem carregada de termos científicos, que se pode considerar uma marca exclusiva na poesia brasileira.

Augusto dos Anjos tem somente um livro publicado, em 1912, chamado simplesmente *Eu*. Seu poema mais famoso é *Versos Íntimos*, que colocamos aqui para vocês lerem e se deliciarem com o trabalho do poeta. Trata-se de um dos poemas mais conhecidos de toda a literatura brasileira.

Versos Íntimos Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – era pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora, entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,

Escarra nessa boca que te beija!

PARTE I

LITERATURA

04

MODERNISMO: CARACTERÍSTICAS E POESIA DE 30

meSalva!

MODERNISMO: CARACTERÍSTICAS E POESIA DE 30

Espera aí! Esse título “Introdução ao Modernismo” pode parecer, de repente, muito chato, muito fechado, muito conteúdo daquele tipo de aula que dá sono. Mas não é!

O Modernismo é um período da história da arte e da literatura muito legal de ser estudado; é um **período de revolução** e, às vezes, quando estamos lendo sobre ele, dá uma vontade de voltar no tempo e viver naquela época para ver como era.

É todo um processo bem legal de entender, que começa lá no Século XIX, especialmente na Europa. Aconteceram aquelas transformações absurdas da Revolução Industrial, lembram? Imagina que é em torno de 1870, a Indústria Elétrica se desenvolve e é nesse momento em que se começa a ter iluminação pública e também dentro das casas. Imagina que é nesse período que o telefone é inventado, há o surgimento das estradas de ferro e dos navios a vapor. Vocês conseguem imaginar tudo o que muda na vida das pessoas com isso? E, se o olhar das pessoas muda, a maneira como elas se expressam também muda. E foi nesse período de grandes mudanças que tivemos o gérmen, digamos assim, do Modernismo, **um movimento que promoveu uma revolução nas artes**.

O que é legal de entender? Para sacarmos melhor o Modernismo Brasileiro, precisamos perceber que são essas mudanças sociais e econômicas que vão alterar a forma como sentimos o tempo e o espaço e essa mudança de percepção contribui para gerar o que chamamos de Arte Moderna. Tudo isso nos leva ao movimento Modernista (especialmente na Europa) e que depois vai ser trazido para o Brasil de uma forma bastante peculiar. Captou? Então vamos lá entender esse processo todo com um pouco mais de detalhes!

ARTE MODERNA

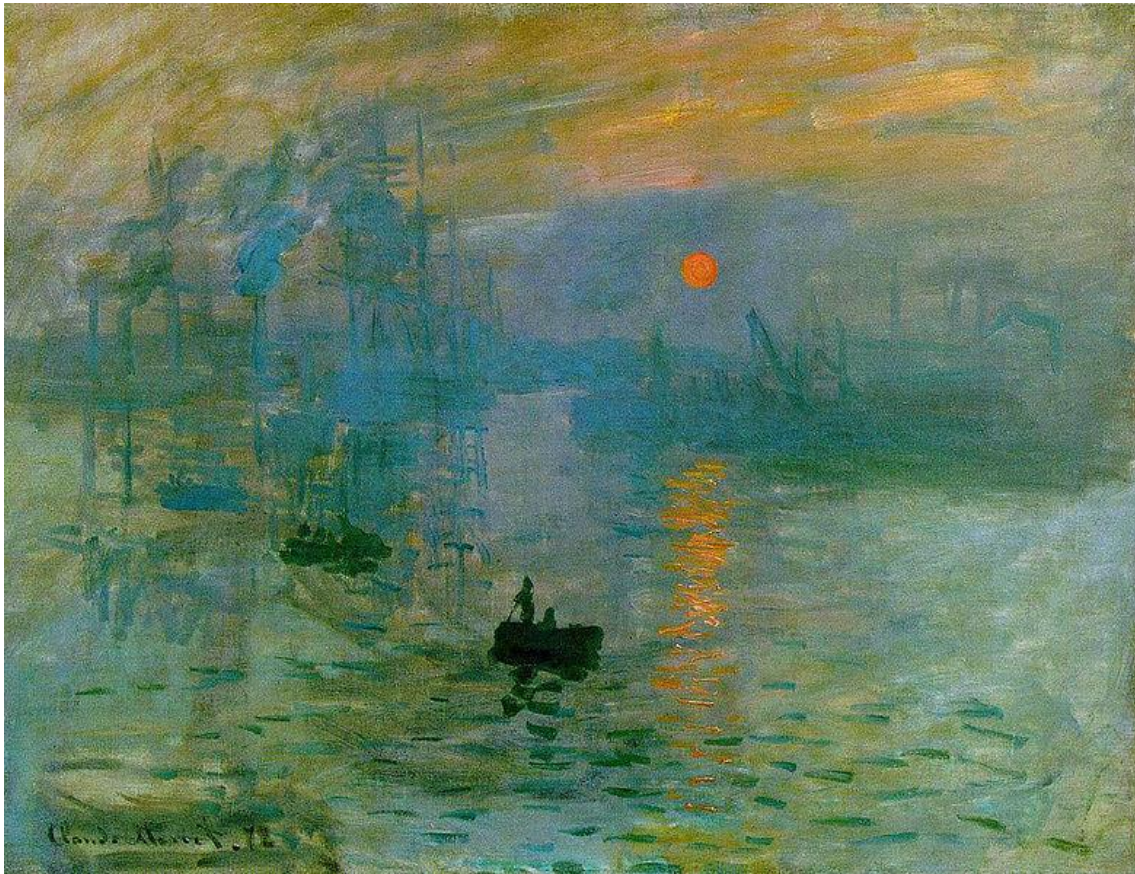
A primeira questão que cabe esclarecer é: o que é arte moderna?

ARTE MODERNA

↳ ARTE PRODUZIDA A PARTIR DO FINAL DO SÉC. XIX ATÉ \pm MEIO DO SÉC. XX E QUE TRADUZ OS EFEITOS DA MODERNIZAÇÃO.

É claro que essa é uma explicação didática, que resume e restringe um pouco a complexidade do que foi a Arte Moderna. No entanto, dentro dessa lógica de relacionarmos arte com sociedade, sempre imprescindível para entendermos que relações humanas existem por trás das estéticas e o que elas reivindicam, temos aí uma boa explicação.

A Arte Moderna, então, vai traduzir todas as grandes mudanças que ocorreram na sociedade e na percepção das pessoas que viveram nesse momento.



IMPRESSÃO, NASCER DO SOL - CLAUDE MONET

A obra acima é uma pintura do século XIX, do início da década de 1870. A primeira questão importante a destacar para pensarmos em Arte Moderna é o rompimento com o Realismo. Nessa pintura, Monet não está preocupado em construir uma espécie de fotografia da realidade, não está preocupado com formas que tentem reproduzir o mundo real, não está, em suma, preocupado com a **verossimilhança**.

A pintura de Monet já é considerada Arte Moderna. Temos uma obra que é a fundadora do Impressionismo na Arte. E o que queremos destacar trazendo essa obra como exemplo é justamente o fato de que um dos principais paradigmas da Arte Moderna é **o rompimento com a verossimilhança, o rompimento com a reflexão sobre arte ser a reprodução da realidade objetiva**. A questão é justamente essa: Existe uma realidade objetiva distante do olhar do sujeito? Ou o que vemos é já uma relação inseparável entre sujeito e objeto? A pintura Impressão, Nascer do Sol destaca justamente isso: vemos a realidade através da nossa subjetividade.

As transformações intensivas do século XIX vão gerar no terreno artístico um forte movimento de transformação, uma tentativa de **destruir o velho para construir o novo**.

MODERNISMO

O Modernismo, portanto, como vimos, é um movimento internacional. E, para entendermos o movimento modernista brasileiro, é importante termos uma noção mais abrangente desse momento da história da arte.

A ERA DAS DESTRUIÇÕES

O Modernismo vai surgindo lentamente mais ou menos nas últimas três décadas do século XIX em diferentes países europeus. Essa expressão, “Modernismo”, engloba as transformações ocorridas na arte, na pintura, na arquitetura e na literatura, o que vai **traduzir o efeito da modernização sobre a vida das sociedades. O Modernismo é, em poucas palavras, a expressão artística da modernização!**

A Segunda Revolução Industrial, grande catalisador dessa modernização, trará muitas mudanças que acabam por “destruir” um velho mundo. Além disso, no início do século XX, há a Primeira Guerra Mundial e, portanto, muita violência e horror são vividos. As milhões de mortes causadas pela guerra serão responsáveis por um espírito de crise da modernidade e representarão o **fim de um período de euforia**. Tudo isso vai contribuir com a ideia de destruição de uma tradição artística que não se encaixava mais nessa época de tantas inovações.

A arte, até então, não dava conta de expressar a modernização. É por isso que se fazia necessário **DESTRUIR O PASSADO**. Esse é um dos gritos de guerra de uma geração de artistas que quer atacar a tradição e, ao mesmo tempo, compreender o presente.

Nesse final de século XIX, início do século XX, surgem as famosas Vanguardas Europeias. As vanguardas são movimentos artísticos que têm o intuito de inovar a arte. Vanguarda é aquilo que vai à frente, então, nesse caso, significa uma arte que se propõe a estar à frente de seu tempo.

VANGUARDAS EUROPEIAS

EXPRESSIONISMO

IMPRESSIONISMO

CUBISMO

FUTURISMO

SURREALISMO

DADAÍSMO

MODERNISMO NO BRASIL

O Modernismo chega ao país através de um homem, um artista brasileiro, que veio da Europa em uma viagem de navio. Oswald de Andrade, grande nome da Literatura Modernista Brasileira, viajou em 1912 para a Europa. Foi uma viagem de grande aprendizado. Oswald realmente apreendeu a cultura de outro país, estudou e compreendeu o que estava acontecendo, em termos de arte, no continente. Bastante influenciado por todas as vanguardas europeias, ao voltar para o Brasil, ele começa a divulgar, escrevendo para jornais paulistas, o que viu por lá.

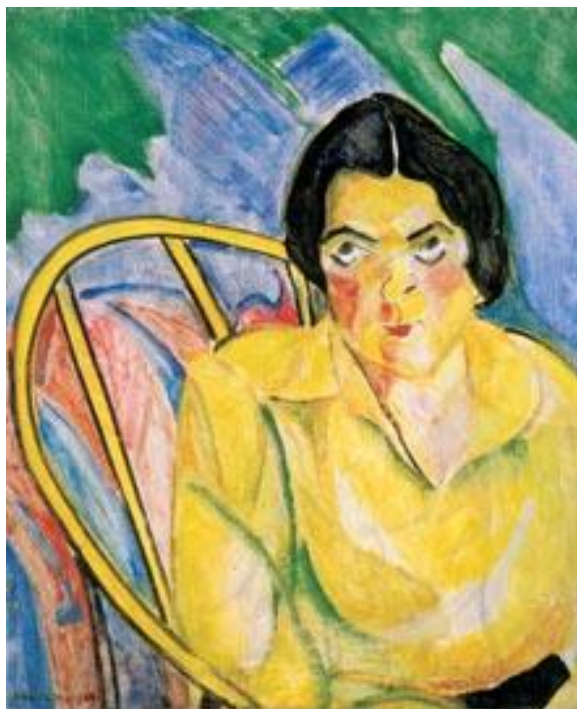
Essas novas ideias não foram muito bem recebidas por aqui, pois os poetas parnasianos ignoravam as novidades artísticas. **Aqui no Brasil, o Modernismo tem essa especificidade, pois o movimento acaba sendo uma luta de alguns jovens intelectuais de “saco cheio” contra o conservadorismo parnasiano, contra a incapacidade de inovação que imperava na arte brasileira.**

Um segundo momento que marca a entrada de um novo tipo de arte no nosso país vai ser o escândalo Anita Malfatti x Monteiro Lobato.

Anita Malfatti foi uma artista brasileira que estudou na Europa e nos Estados Unidos e que, ao retornar ao Brasil, no ano de 1917, fez uma mostra de suas pinturas em São Paulo. Os quadros de Anita são completamente influenciados pelas vanguardas europeias e dividiram as opiniões dos paulistas. Enquanto alguns se surpreendem positivamente, outros ficam chocados e rejeitam violentamente o trabalho da artista.

Monteiro Lobato, nosso famoso escritor, na época era crítico de arte do Estado de São Paulo e, após apreciar a exposição de Anita, escreve um artigo destruidor, no qual deprecia com violência o que diz que não é arte. Monteiro Lobato era bastante respeitado pelos leitores e especialmente pela elite – vinculada ao parnasianismo, estilo predominante no país até então. Devido à influência de seu artigo, quadros de Anita que haviam sido comprados foram devolvidos, e algumas pessoas até tentaram agredir Anita Malfatti. Como resultado, a exposição da artista foi fechada antes do tempo previsto.

O quadro que mais causou escândalo para o gosto “certinho” dos parnasianos foi A Boba. Nesta pintura temos a subversão do Realismo, que, como vimos, é uma das bases da Arte Moderna.



A BOBA, POR ANITA MALFATTI

SEMANA DE ARTE MODERNA

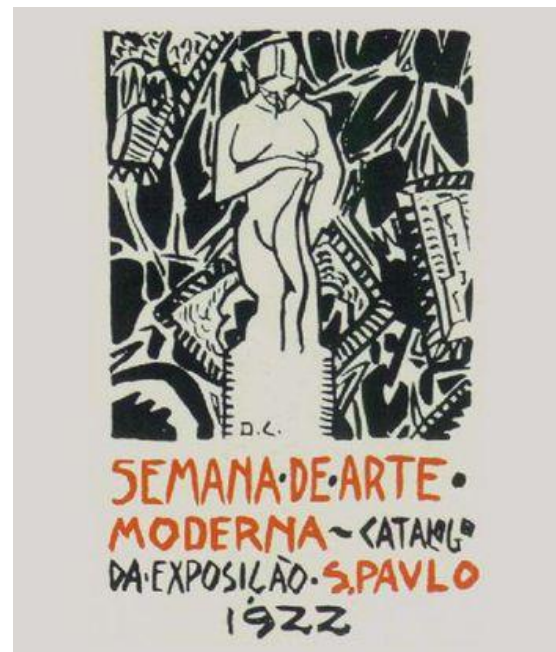
A **Semana de Arte Moderna** foi o evento considerado o estopim do **Modernismo Brasileiro**. A Semana foi um evento bastante divulgado que aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo em fevereiro de 1922. Não há um mentor oficial, pois foram vários os organizadores, incluindo Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

O objetivo da Semana de Arte Moderna era simples e ambicioso: destruir as velhas formas de arte na literatura, na música e nas artes plásticas. Nesse evento se pretendia – e de fato se conseguiu – discutir e afirmar os princípios de uma nova arte.

A SAM foi um evento de grande porte, com muita divulgação e algum escândalo. Com duração de três noites, a “Semana” trouxe para o Teatro conferências, recitais, leituras, exposição, música e muita ironia, muito deboche em cima de uma arte que, para os jovens artistas, não fazia mais sentido. Havia uma postura revolucionária entres os modernistas, pois as grandes mudanças que os artistas almejavam não aconteceriam progressivamente, mas de maneira radical, brusca.

As pessoas se sentiram ofendidas com a perda de uma tradição de maneira tão repentina, por isso todo o escândalo da SAM. A violência e a agressividade dos modernistas pode ser sentida em seus poemas.

Uma agressividade contra o “bom-mocismo” da geração anterior.



CARTAZ DA SEMANA DE ARTE

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público
com livro de ponto expediente protocolo
E manifestações de apreço ao Sr. Diretor
[...]
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
[...]
Não quero saber do lirismo que não é libertação

Poética, Manuel Bandeira

A primeira característica essencial da Literatura Modernista que podemos observar nas poesias e na prosa, especialmente no início do movimento no Brasil, é a questão da **linguagem coloquial**.

Se vocês lembram, no Parnasianismo havia uma linguagem excessivamente preocupada com as formas, e, neste período de ruptura, haverá liberdade para usar a língua realmente falada pelo povo, e não o linguajar formal erudito, tornando a literatura mais acessível. Além disso, encontramos nos textos literários modernos a **tematização do cotidiano**. A lógica desses poetas consistia no fato de que a poesia precisava retratar o cotidiano, que não era feito de vasos gregos ou amores sublimes, etéreos, mas do barulho dos trens, dos becos das cidades e da fumaça dos carros. Para eles, a vida real, a vida simples do dia-a-dia dos cidadãos comuns, deveria e precisava estar na poesia e na arte.

A terceira característica – **busca por uma identidade nacional** – é bastante importante para entendermos o Modernismo Brasileiro. A data da Semana de Arte Moderna não é mero acaso. O evento foi adiado quase um ano para coincidir com os cem anos da Independência Política do Brasil. A ideia que rondava a SAM era a proclamação de uma independência cultural, de uma independência artística.

Apesar de o Modernismo Brasileiro sofrer influência do movimento europeu, a proposta dos artistas brasileiros era tentar **fazer uma arte tipicamente nacional**. Todos os outros movimentos literários que tiveram lugar no Brasil eram praticamente cópias dos paradigmas europeus. Os modernistas de 22 queriam buscar uma identidade nacional e produzir arte a partir dela. Diferente dos escritores românticos, os modernistas não fechavam os olhos para os problemas do Brasil; eles queriam entender o país como ele era, em suas mazelas e alegrias, sem idealizações. Era, então, um nacionalismo crítico.

Conseguiram entender a lógica geral desse movimento?

Iniciou na Europa com a modernização do século XIX até seu pouso aqui no Brasil, onde o movimento ganhou características bastante próprias do nosso país. Foi uma revolução nas artes, bastante importante, e com resultados que “respingam” em nós até hoje.

GRANDES NOMES DO MODERNISMO BRASILEIRO

O Modernismo, tanto o estrangeiro quanto o brasileiro – como estudamos nas páginas anteriores – foi um movimento bastante revolucionário e bastante rico em termos culturais. Aqui no Brasil, desde o início do movimento, com a Semana de Arte Moderna, tivemos uma importante e criativa produção nas áreas das artes plásticas e da literatura.

Na literatura, passamos a ter uma espécie de boom de grandes poetas e de grandes romancistas que enriqueceram muito a cultura nacional e as possibilidades criativas de trabalho com a língua portuguesa. **O grupo de artistas que temos no Modernismo Brasileiro é composto por pessoas de quem realmente devemos nos orgulhar por contribuírem para o enriquecimento da cultura brasileira.** Uma cultura rica, cheia de invenções, misturas e desvios do padrão. Isso nos permite pensar o que é originalidade:

ORIGINALIDADE = DESVIO

Agora, após esse passeio pela História e pelas motivações do movimento, iremos apresentar para vocês os principais poetas do Modernismo Brasileiro, que costuma ser dividido em duas fases.

PRIMEIRA FASE: A Fase da Destruição (1922 - 1930)

Oswald de Andrade

Mário de Andrade

SEGUNDA FASE: Fase da Consolidação (1930 - 1945)

Manuel Bandeira

Cecília Meireles

Vinicius de Moraes

Carlos Drummond de Andrade

João Cabral de Melo Neto

OSWALD DE ANDRADE

[1890 - 1954]

Se tivermos de eleger um vetor para a instauração do Movimento Modernista aqui no Brasil, com certeza precisamos pensar em Oswald de Andrade. Grande agitador cultural do Modernismo, filho de ricos cafeicultores paulistas que o enviaram à Europa para estudar, o ousado Oswald voltou de viagem em 1912 e começou a divulgar as ideias artísticas vanguardistas que ele conheceu em sua viagem pelo continente Europeu.

Oswald criou, então, duas obras bastante importantes para abrir espaço e consolidar essa nova arte. Na obra teórica Manifesto Pau Brasil, de 1924, ele expõe suas ideias sobre como deveria ser a Arte Moderna Brasileira; na obra Pau Brasil, de 1925, ele põe essas ideias em prática em um conjunto de poemas.



[Capa do livro Pau Brasil \(1925\)](#)

ARTE BRASILEIRA PARA EXPORTAÇÃO

Nesta obra, Oswald defende as características centrais do Modernismo e fala de uma arte brasileira para exportação. O que isso quer dizer? Dentro do Modernismo, há uma busca por uma expressão nacional e, dentro dessa lógica, há uma oposição ao passado artístico brasileiro que só importava da Europa uma forma de fazer arte e literatura. Na perspectiva de Oswald de Andrade (e de Mário de Andrade também), torna-se necessário **exportar a arte brasileira**.

E para isso precisamos de uma arte brasileira com uma temática brasileira. Daí surge a ideia de trazer o folclore brasileiro e os elementos da cultura nacional para as obras artísticas, mesmo tendo como modelo técnico as

vanguardas europeias, pois eles estavam à frente de seu tempo e representavam uma nova forma de fazer arte.

Isso nos leva à ideia de **Antropofagia**, ou seja, à ideia de que os artistas brasileiros precisavam comer a arte europeia, deglutir e transformar essa arte em alguma outra coisa mais própria, ou seja, assimilar a arte estrangeira e misturá-la com elementos brasileiros, assim criando uma terceira via, que não é a mera cópia da arte da Europa, e sim sua assimilação e transformação. **Ao criar uma arte própria, encontrada e produzida somente aqui, o Brasil encontraria condições de exportá-la.**

Observem a repercussão disso na cultura nacional até hoje. Observem como muitos estrangeiros admiram, por exemplo, a Música Popular Brasileira, que muitas vezes não é admirada pelos próprios brasileiros. Observem como muitas vezes o cinema nacional é admirado por outras regiões do globo. Nós, talvez graças a esse impulso inicial dos Modernistas, exportamos a nossa própria arte.

Abaixo temos uma lista das principais obras de Oswald. Cabe destacar que *Pau-Brasil* é um livro de poesia e que *Memórias Sentimentais de João Miramar* é prosa. *Memórias Sentimentais* é considerado como um antiromance, pois quebra e se desvia da forma convencional de composição deste gênero.

OBRAS PRINCIPAIS

Manifesto Pau Brasil (1924)

Pau-Brasil (1925)

Memórias Sentimentais de João Miramar (1924)

Serafim Ponte Grande (1937)

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Pronominais, Oswald de Andrade

MÁRIO DE ANDRADE

[1893 - 1945]

Mário de Andrade – não, ele não era parente do Oswald, é apenas uma feliz e quase publicitária coincidência – foi um grande intelectual da história da nossa cultura. Maestro, professor de história da música, poeta, romancista, contista, crítico literário e um dos líderes da Semana de Arte Moderna, Mário foi um ferrenho pesquisador do folclore brasileiro. Em sua literatura, deixa impressas duas grandes marcas: **o amor pela cidade de São Paulo e a crítica ferrenha à burguesia paulista.**

Nesse amor por São Paulo, o escritor ressalta a modernização e a urbanização pelas quais a cidade passou na década de 1920. Além disso, esse elogio à cidade não é acrítico! Ele ama a cidade, mas também é capaz de transparecer críticas necessárias às falhas e aos problemas que a industrialização gera.

A segunda grande marca da obra de Mário de Andrade é comum a muitos autores do Modernismo; uma vez que esses poetas queriam acabar com o bom-comportamento e com o elitismo da arte parnasiana, as críticas à burguesia são comuns.

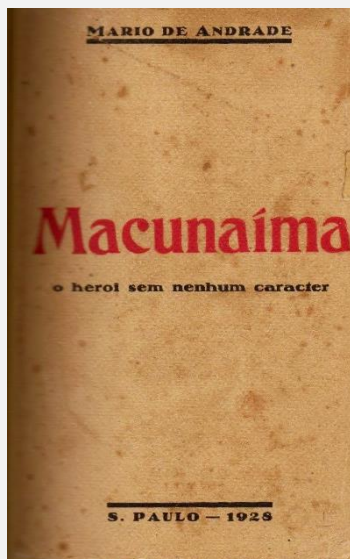
OBRAS PRINCIPAIS

Paulicéia Desvairada (1922)

Amar, Verbo Intransitivo (1927)

Macunaíma (1928)

MACUNAÍMA - O herói sem nenhum caráter



Macunaíma é a principal obra de Mário de Andrade e uma das mais famosas da literatura brasileira.

Vinculada ao Nacionalismo Primitivista, este texto vai buscar qual é a essência do Brasil e se questionar “quem somos nós, brasileiros?”. Macunaíma traz uma grande mistura de lendas de indígenas da Amazônia com lendas sertanejas e outras lendas do folclore nacional. Mário de Andrade fez diversas viagens a diferentes regiões do país para investigar intensamente os vários tipos de cultura: a cultura oral, o folclore, os mitos e as lendas do Brasil Rural, o Brasil desconhecido. Isso vai gerar uma obra cheia de misturas, escrita ao sabor das ideias modernistas em uma linguagem bastante oral e cheia de variações. Essa estrutura tão inovadora já está respondendo à pergunta sobre quem somos nós. Uma das respostas possíveis é que temos dificuldades de definir uma identidade brasileira justamente porque somos pura diversidade. Em um país tão grande, a variação é a regra. O subtítulo O Herói sem Nenhum Caráter não significa apenas a ideia de alguém que não tem caráter, apesar de Macunaíma não ter nenhum caráter mesmo. “Sem nenhum caráter” tem duplo sentido: possui também o significado de sem identidade. O Brasil não teria uma identidade fixa, uma unidade como outras culturas possuem, devido a nossa grande diversidade. Então, uma vez que a obra de Mário é uma crítica, mas também é uma valorização da cultura nacional, podemos pensar na positividade dessa questão: o fato de que nossa identidade é mistura, é plural!

MANUEL BANDEIRA

[1886-1968]

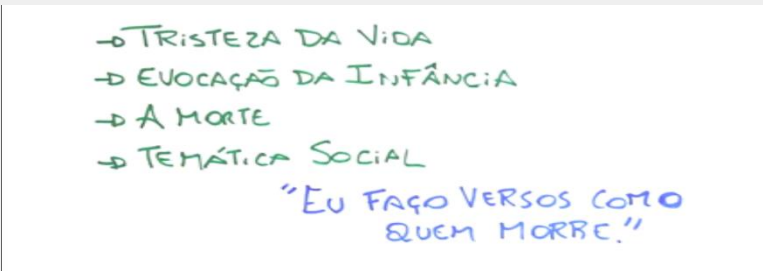
Poeta pertencente a uma fase mais consolidada da Poesia Modernista, Manuel Bandeira faz parte da Era do Ouro da poesia brasileira. Era do Ouro porque é um período da literatura brasileira em que existem grandiosos poetas; é o auge da poesia nacional.

Manuel Bandeira tem um pé lá na Fase da Destruição e outro pé nessa fase, que é menos experimental. Ele foi o autor de um poema bastante polêmico chamado Os Sapos, lido na Semana de Arte Moderna. No entanto, ele se identificou mais com esse período mais “tranquilo” da poesia moderna.

CARACTERÍSTICAS E TEMAS DA POESIA DE MANUEL BANDEIRA

Simplicidade estilística

Complexidade da existência



→ TRISTEZA DA VIDA
→ EVOCAÇÃO DA INFÂNCIA
→ A MORTE
→ TEMÁTICA SOCIAL
"EU FAÇO VERSOS COMO
QUEM MORRE."

Vida cotidiana

Confissão pessoal

O medo da morte

Temática social

PRINCIPAIS OBRAS

A Cinza das Horas (1917)

Libertinagem (1930)

Estrela da Manhã (1936)

CECÍLIA MEIRELES

[1901-1964]

Cecília Meireles é uma das poucas mulheres reconhecidas pelos críticos como um dos grandes nomes da literatura brasileira. Com certeza um dos nomes mais ricos da poesia moderna, pois, ao mesmo tempo em que fazia poesia, a escritora fazia filosofia e psicologia. Nos levava, com seus versos, a adentrar o terreno impalpável da vida interior.

Cecília foi poeta, jornalista, tradutora e chegou a ser professora de literatura na Universidade do Texas. Tudo isso em um período histórico em que as mulheres não tinham uma vida muito distante do foro doméstico. Dessa forma, foi uma personalidade feminina bastante incomum para a sua época.

Órfã desde muito jovem, a poeta encontrou no fato de ter perdido os pais muito jovem uma consciência da brevidade da vida, tema que aparece frequentemente em sua obra.

PRINCIPAIS ASPECTOS DA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES

Temática da efemeridade da vida;

Temática da brevidade das relações, dos sentimentos, dos estágios da existência;

Influência do Budismo e da Filosofia Oriental;

Considerada uma poeta neossimbolista.

PRINCIPAIS OBRAS

Viagem (1939)

Vaga Música (1942)

Romanceiro da Inconfidência (1953)

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

[1902-1987]

Carlos Drummond de Andrade é considerado um dos maiores e mais importantes poetas da literatura brasileira. Drummond registrou em forma de poesia o Brasil e o mundo dos anos 30 e dos anos 40 do século XX. É claro, o autor escreveu até os anos 1980, mas a sua percepção da realidade dos acontecimentos nacionais e universais em suas duas primeiras décadas de produção foram impressionantes e bastante influenciados pelo contexto social conturbado de então, a Era Vargas e a Segunda Guerra Mundial.

"E AGORA, JOSÉ?"

"NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA
PEDRA"

"PERDI O BONDE E A ESPERANÇA"

Os versos acima entraram no imaginário popular e para a memória coletiva. São apenas uma mostra da importância desse poeta que se amalgamou com a língua portuguesa e com a cultura nacional.

PRINCIPAIS OBRAS

Alguma Poesia (1930)

Sentimento de Mundo (1940)

José (1942)

A Rosa do Povo (1945)

Obras que mostram o forte teor social da poesia de Carlos Drummond de Andrade, especialmente as três últimas, preocupadas com um mundo cheio de dores e desigualdades. Drummond fazia guerra com sua poesia, colocando-se contra uma ordem política injusta e questionando fortemente um sistema baseado somente no lucro.

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

[1920-1999]

João Cabral de Melo Neto é outro grande poeta da literatura brasileira. Hermético e com uma obra de difícil leitura para muitos, João Cabral começa a publicar em 1942 e pertence a um contexto diferente dos poetas anteriores.

É considerado como pertencente à Geração de 45, uma terceira geração da Poesia Moderna Brasileira, em que há um período marcado por um contexto social um pouco diferente. Após 1945, a Segunda Guerra chegou ao fim, o Estado Novo terminou e há o início da redemocratização brasileira. Ou seja, a Geração de 45 produz literatura em um período de relativa tranquilidade, o que gerou uma poesia voltada à preocupação com a forma e a estética, porém sem deixar de ser social.

PRINCIPAIS ASPECTOS DA POESIA DE JOÃO CABRAL

Rigor formal (poesia como fruto de trabalho, de rigor metódico, e não da inspiração);

Linguagem seca e árida;

Temáticas ligadas à realidade dos nordestinos, à metapoesia e à Espanha.

PRINCIPAIS OBRAS

Pedra do Sono (1942)

Psicologia da Composição (1947)

O Cão sem Plumas (1950)

Morte e Vida Severina (1956)

A Educação pela Pedra (1966)

Trecho de Morte e Vida Severina

“Somos muitos severinos
Iguais em tudo na vida,
Morremos de morte igual,
Mesma Morte Severina:
Que é a morte que se morre de velhice
antes dos trinta”.

PARTE I

LITERATURA

05

MODERNISMO NO BRASIL: ROMANCE DE 30

meSalva!

O ROMANCE DE 30 E O NEORREALISMO

Vocês já devem ter percebido que o Modernismo Brasileiro tem, como se diz, muito “pano pra manga”, né? Quer dizer, existem muitos aspectos a serem pensados sobre a Literatura Modernista. Na apostila anterior, nosso foco foi a Poesia Moderna, e agora estudaremos a Prosa Moderna.

O momento mais importante da produção literária na Prosa Moderna – e também o momento mais rico em termos de produção literária – é o Romance de 30, também chamado de Neorrealismo.

Como sempre, para termos uma visão maior de qualquer assunto, precisamos pensá-lo em relação a outras esferas da realidade, jamais isoladamente! Como já refletimos, a arte – assim como os sujeitos que a produzem – fazem todos parte de um **contexto de produção**. Vamos pensar no contexto de produção do Romance de 30? Quais são as motivações sociais e econômicas para tal fenômeno artístico?

O CONTEXTO SOCIAL E O ROMANCE DE 30

O Mundo nos Anos 30

- ✓ Crack da Bolsa de Nova Iorque;
- ✓ Crise do Sistema Capitalista;
- ✓ Ascensão do Nazismo e do Fascismo.

O ano de 1929 teve forte influência em algumas regiões do globo durante toda a década de 30. O acontecimento marcante desse ano é a famosa quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque. Houve a primeira grande crise do sistema industrial capitalista, o que influenciou muito a realidade e a visão de mundo das pessoas, que passaram a ter uma perspectiva carregada de pessimismo. Além dos fantasmas da Primeira Guerra Mundial, junto com os Estados Unidos, dezenas de outros países entraram em um tenso período de desemprego. Milhares de homens e mulheres – especialmente os mais pobres – sofreram com essa situação econômica.

Além disso, a década de 30 é a sombria década que assistiu à ascensão do Nazismo e do Fascismo. Regimes ditatoriais se espalhando pela Itália, Alemanha, Rússia, Espanha e levando às barbáries da Segunda Guerra Mundial.

Aqui no Brasil, Getúlio Vargas assume o poder em 1930. Se, no início, tínhamos uma democracia cada vez mais tenra, este governo vai mostrar o seu caráter ditatorial com o começo do Estado Novo, a partir de 1937. Um governo que vai estabelecer censura, uma polícia vigilante e cruel e que vai silenciar os opositores, tornando-se cada vez mais parecido com os modelos que tínhamos na Europa.

Sigmund Freud, em um texto chamado *Mal Estar na Civilização*, de 1930, afirmou que chegamos em um ponto da história em que o homem poderia exterminar até o último dos homens com seu poderio bélico. Então, observem como esses fatores sociais estão alterando a maneira como os intelectuais percebem a realidade.

Aqui no Brasil essa realidade adversa vai fazer com que os escritores voltem os olhos para a realidade social, o que permitirá o ressurgimento do Realismo, pois há uma realidade nada agradável e os escritores sentiram-se impelidos a trazer esse contexto social para seus textos literários.

O Romance de 30 é, por isso, também chamado de **Neorrealismo**. Temos uma retomada de uma escola literária ou de um estilo artístico que tinha por objetivo, no século XIX, retratar a realidade social.

Muitas vezes, quando se fala no Realismo ou no Neorrealismo, se fala da pretensa objetividade dos escritores ao descrever a situação do país. É importante destacarmos que não existe visão de mundo neutra. Olhamos para o mundo a partir de tudo o que somos e, ao escrever, sempre temos uma intenção. A intenção dos escritores do Romance de 30 era fazer denúncia de uma realidade, denúncia da desigualdade social, denúncia de um governo entendido como não democrático.

Dentro do Romance de 30, surge um padrão estético comum. Não é que os escritores tenham se juntado para pensar essa ideia em grupo, mas, de alguma forma, surgiu, no horizonte estético do período, o padrão de retratar as diversas partes do Brasil. **Uma vez que se quer fazer denúncia social, precisa-se ser o mais abrangente possível.** Então, teremos o Regionalismo do Romance de 30, ou seja, diversos autores escrevendo sobre diferentes regiões brasileiras.

Em termos estéticos, os escritores serão bem mais comportados do que a galera que estava produzindo nos anos 20. Esses autores vão rejeitar o experimentalismo e produzir narrativas bastante lineares e acessíveis. E qual o motivo desse comportamento? Podemos pensar que, uma vez que os autores, ao denunciar a opressão e a miséria social, querem se comunicar com o grande

público, precisam de uma linguagem e de uma estrutura narrativa mais abrangente, mais acessível, de modo que o experimentalismo anterior não será bem-vindo.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO NEORREALISMO

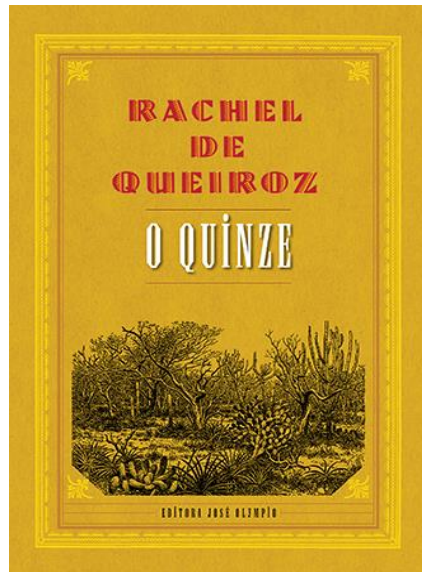
- ✓ Retrato da realidade social;
- ✓ Regionalismo;
- ✓ Narrativas lineares e acessíveis ao grande público;
- ✓ Rejeição dos experimentalismo;
- ✓ Linguagem mais popular.

PRINCIPAIS OBRAS DO ROMANCE DE 30

O QUINZE - RAQUEL DE QUEIRÓZ

Raquel de Queiróz escreveu um dos livros mais famosos do Romance de 30 quando tinha apenas vinte anos de idade. A escritora era, como grande parte dos escritores da Geração de 30, bastante politizada e insatisfeita com a realidade social da década de 1930.

O romance O Quinze tem dois fortes eixos narrativos e bastante sociais. O primeiro está centrado na jovem Conceição, bastante dona de si e que não está disposta a se casar, pois quer manter o seu universo de independência. Uma mulher, então, em confronto com os valores patriarcais.



[CAPA DE O QUINZE](#)

Tanto que temos um par amoroso que não se realiza. Conceição vai rejeitar Vicente – um pretendente amoroso por quem ela se sentia atraída – preferindo a sua liberdade.

O segundo eixo narrativo traz a temática dos **efeitos da seca** sobre os sertanejos. Com descrições cruas da miséria causada pela seca, Raquel de Queiroz usa sua escrita para fotografar com palavras uma realidade que, apesar de atingir a todos, abastados e miseráveis, devasta principalmente os pobres.

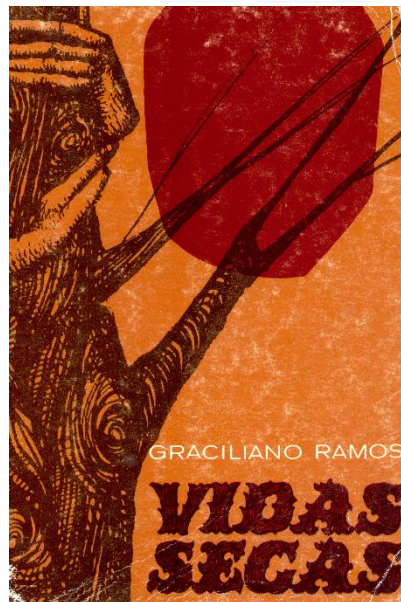
Tudo isso é contado através da perspectiva de uma mulher, pois, embora o livro seja narrado em terceira pessoa, o narrador olha o mundo através da perspectiva de Conceição.

VIDAS SECAS - GRACILIANO RAMOS

Escritor fundamental do romance moderno e um dos maiores escritores da literatura brasileira, Graciliano Ramos fez forte denúncia social. Um autor de obras intensas e respeitadíssimas nos anos 30 e nos anos 40, nas quais a desigualdade social foi tema central, tema não só de Vidas Secas, mas da maior parte dos seus livros.

Vidas Secas, de 1938, nos apresenta um triste retrato da realidade dos retirantes nordestinos em um universo sem lirismo e sem poesia. A linguagem do romance é marcada pela aridez dos poucos adjetivos e das frases curtas, o que faz com que a leitura flua bastante por conta disso.

A narrativa está centrada em uma família de retirantes que está fugindo da seca. Uma família sempre em busca de menos aridez, de menos seca e, principalmente, de sobrevivência. Essa família é composta por Fabiano, Sinhá Vitória, seus dois filhos e a cachorra Baleia. Esta obra nos fala da animalização do sujeito, talvez não por acaso, em um paralelo simbólico, os dois filhos do casal de retirantes não tenha nome, e a cachorra tenha. Graciliano mostra como o sujeito pode ser transformado por um meio adverso, por um meio de miséria, e como pessoas podem se animalizar, tornando-se praticamente bestas.



[CAPA DE VIDA SECAS](#)

CAPITÃES DA AREIA - JORGE AMADO

Jorge Amado é, talvez, um dos escritores mais populares da Literatura Brasileira. Suas obras viraram novelas e filmes e, devido a isso, ele se tornou bastante conhecido. Autor que sempre mostrou uma forte empatia com as camadas mais pobres, Jorge Amado trazia em suas obras uma descrição pormenorizadas das formas de vida dos marginalizados pela sociedade. Para escrever Capitães da Areia, ele chegou a dormir algumas noites em um

trapiche, para sentir como viviam as crianças em condição de moradores de rua.

Publicado em 1937, *Capitães da Areia* é um romance que não possui um personagem principal específico; temos personagens principais que são crianças abandonadas e que vivem em um dos cenários mais famosos da Literatura Brasileira, o trapiche: uma espécie de casa de madeira aberta que fica na beira de um rio. A narrativa dessa grande obra procura nos causar empatia e sensibilidade em relação à complexidade social. Os personagens, apesar de serem crianças entre 10 e 16 anos, cometem crimes e, muitas vezes, se comportam como adultos cansados. Jorge Amado não esconde as ações criminosas dos Capitães, mas, ao mesmo tempo, mostra que um meio de miséria transforma as pessoas, tirando a sua humanidade.



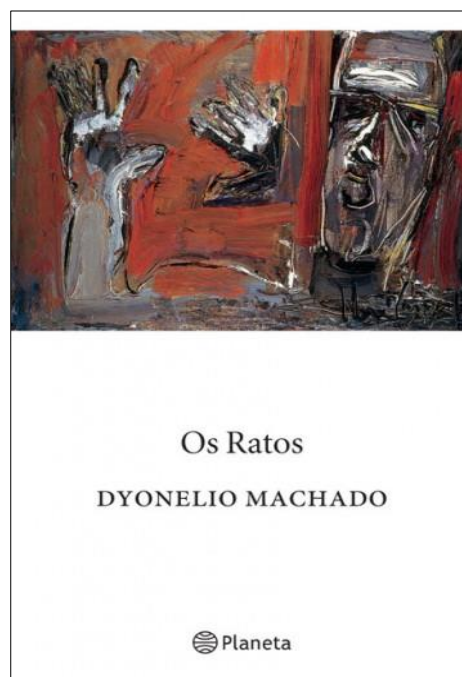
[CAPA DE CAPITÃES DA AREIA](#)

OS RATOS - DYONÉLIO MACHADO

Obra de extrema importância para o Romance de 30, *Os Ratos* é uma obra prima do Neorrealismo. Romance premiado com o prêmio Machado de Assis de Literatura, a narrativa, publicada em 1934, foi escrita pelo gaúcho Dyonélio Machado.

Os Ratos, assim como os outros romances da época, aborda a questão da desigualdade social e possui uma particularidade: se passa em 24 horas, nas quais o leitor conhece as agruras do personagem principal, Naziazeno Barbosa.

Naziazeno é um funcionário público de classe média baixa que possui uma dívida de 53 mil réis com o leiteiro. No período em que se passa a história, os leiteiros costumavam entregar o leite na casa das pessoas. A obra é dividida em três partes – Manhã, Tarde e Noite – e já no início se dá o conflito principal. Naziazeno recebe um ultimato: se não pagar a dívida, no dia seguinte não receberá leite. Casado e com um filho pequeno, se estabelece a angústia do personagem. Não receber o leite no dia seguinte significa a perda da dignidade de um homem que nem tem condições de alimentar o próprio filho.



[CAPA DE OS RATOS](#)

Naziazeno tem, então, 24 horas para conseguir esse dinheiro. O funcionário procura o chefe, um ex-chefe, um colega que tem contato com agiotas, enfim... faz o possível para garantir o recebimento do leite no dia seguinte, em movimentos angustiados para cumprir esse objetivo.

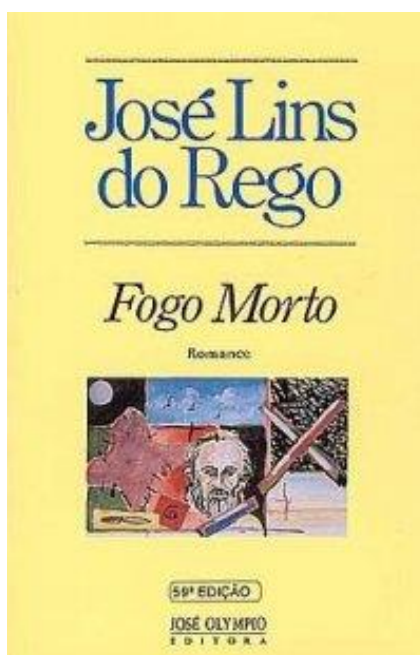
Os Ratos é um romance pungente sobre a situação das classe baixas e sua luta diária pela sobrevivência, para conseguir o que é mais básico para viver.

FOGO MORTO - JOSÉ LINS DO REGO

Fogo Morto, romance publicado em 1943, é uma obra de José Lins do Rego que faz parte do chamado Ciclo da Cana-de-Açúcar, um conjunto de romances vinculado à temática dos engenhos de produção de açúcar na sociedade rural nordestina.

Os romances desse ciclo abordam uma importante transformação política e econômica que ocorre nos anos de 1930. Até os anos 1920, os engenhos de açúcar estavam no auge de produção e sustentavam a aristocracia a partir da exploração de trabalhadores que cortavam cana de quinze a dezesseis horas por dia em condições de trabalho desumanas. Quando, durante o processo de industrialização que ocorre na década de 20, as usinas passam a substituir o engenho, ocorre desemprego e êxodo rural, pois as usinas precisam de menos empregados do que os engenhos. É sobre esse movimento econômico que os romances de José Lins do Rego tratam.

Em Fogo Morto, última e principal obra do ciclo, há a história da formação, ascensão e declínio do Engenho de Santa Fé. A história é narrada a partir de três perspectivas diferentes: os pontos de vista de Mestre José Amaro, Coronel Lula e Capitão Vitorino, um dom quixote que busca a existência de um mundo sem desigualdade social.



[CAPA DE FOGO MORTO](#)

PARTE I

LITERATURA

06

MODERNISMO DE 45: TERCEIRA GERAÇÃO

meSalva!

MODERNISMO DE 45: TERCEIRA GERAÇÃO

É importante saber que os rótulos ou nomes de escolas literárias que a crítica de literatura construiu são apenas nomes que englobam certas obras dentro de um contexto histórico e de uma semelhança estética. No entanto, esses rótulos não são assim tão importantes no momento em que efetivamente estamos apreciando uma obra literária. Na hora da leitura, temos que sentir de fato, e não ficar julgando, interpretando ou tentando enquadrar um romance dentro de uma caixinha.

A crítica literária se divide ao falar da literatura produzida após 1945. A data tem um peso histórico. Depois da Segunda Guerra Mundial, o mundo mudou. Não só pelo horror da bomba atômica e do Nazismo, mas também pela divisão política que a Guerra Fria gerou e pelo aumento do consumismo nas nações que prosperaram após a guerra. Aqui no Brasil, houve o fim do Governo Vargas e o início da curta era JK. Esse novo cenário fez surgir movimentações diferentes na literatura. Alguns teóricos afirmam que temos uma 3ª Geração Modernista, a Geração de 45; outros dizem que temos uma Literatura Pós-Moderna.

Aqui, no nosso estudo, chamaremos simplesmente de Literatura Contemporânea. Nosso objetivo é apresentar os principais autores, temáticas e obras da literatura produzida a partir de 1945 até mais ou menos os anos 2000. É uma apresentação e, ao mesmo tempo, um convite à leitura, pois, ao ler autores contemporâneos, nos percebemos mais fortemente, percebemos a relação dessas obras e desses personagens que vivem vidas um tanto parecidas com as nossas, por estarem mais ou menos vivendo em uma mesma “paisagem temporal”.

GUIMARÃES ROSA (1908-1967)

João Guimarães Rosa representa o mais alto nível de elaboração da literatura brasileira e é, sem dúvida, o maior autor da nossa literatura de século XX.

Guimarães foi mineiro, nascido no interior de Minas Gerais. Desde jovem, revelou uma surpreendente e autodidata capacidade para aprender línguas. Formado em Medicina, tornou-se um médico rural e viajava a cavalo para atender os pacientes que moravam em locais distantes.

Nessa época, ao trabalhar como médico e viajar constantemente, o autor recolheu muitas histórias do sertão de Minas e apreendeu a maneira particular como as pessoas falavam, bem como os “causos” que elas contavam, anotados por ele em um bloquinho.

Guimarães Rosa absorveu o sertão e fez dele a sua maior marca, o maior personagem de sua grande obra.

PRINCIPAIS OBRAS

Sagarana (Contos - 1946)

Grande Sertão: Veredas (Romance - 1956)

Primeiras Estórias (Contos - 1962)

DESTAQUES

Linguagem

Quando falamos de Guimarães Rosa, falamos de revolução linguística. O autor traz a fala e a oralidade peculiar dos sertanejos para a obra escrita. Ele quebra com a linguagem formal trazendo não só oralidade, mas também palavras inventadas, “loucuras” sintáticas, junção de palavras... uma verdadeira liberdade com a língua.

Espaço-Personagem: O Sertão

O sertão mineiro – o sertão do norte de Minas Gerais – é uma região que ficou afastada dos processos de modernização. O sertão descrito na obra de Guimarães Rosa é um mundo que tem outra lógica de tempo. Longe da cidade,

longe das regiões litorâneas, os sertanejos vivem em outro tempo histórico. A lentidão, a consciência da natureza, a presença do mito, as questões existenciais e misteriosas do ser humano. O sertão é o mundo!

CLARICE LISPECTOR (1926-1977)

Clarice foi, com certeza, uma das escritoras mais originais da Literatura Brasileira, por estar um pouco fora dos padrões convencionais de nossa literatura.

Natural da Ucrânia, não há muita certeza sobre a data correta de seu nascimento, mas os registros mais fiéis dizem que ela nasceu em 1926. A própria Clarice se considerava brasileira e se naturalizou como, pois chegou ao Brasil com apenas um ano de idade.

Apesar de ter se graduado em Direito na UFRJ, não exerceu a Advocacia e foi jornalista e tradutora, além de, claro, escritora. Uma participante ativa da vida cultural brasileira.

PRINCIPAIS OBRAS

Perto do Coração Selvagem (Romance - 1944)

Laços de Família (Contos - 1960)

A Paixão Segundo G. H (Romance - 1964)

A Hora da Estrela (1977)

DESTAQUES

Subjetividade, cotidiano e epifania

A obra de Clarice retrata muito mais a interioridade de seus personagens do que o mundo exterior; o enredo é secundário. O que importa, o que movimenta a obra, é aquilo que se passa dentro dos personagens. O que nós temos em muitos contos e romances de Clarice é a narração de fatos banais do cotidiano, mas que geram nos personagens uma iluminação sobre suas próprias vidas, um insight, aquilo que chamaremos de **epifania**.

Prosa Intimista

Nessa prosa intimista da autora, há o monólogo interior, a narração em primeira pessoa ou narradores que entram no íntimo de suas personagens – em geral, um hall de personagens composto por mulheres.

RUBEM FONSECA (1925)

Um dos escritores mais ácidos e mais polêmicos da nossa literatura, Rubem Fonseca começou a carreira com dois livros de contos e escreveu romances, mas ficou mais conhecido por ser um grande contista.

O autor tem uma vasta experiência profissional. Formado em Direito, foi policial e estudou Administração nos Estados Unidos. Depois de um tempo, passou a dedicar a sua vida somente a escrever literatura. Esse ecletismo profissional fez com que Rubem Fonseca tivesse contato com os setores marginais do Rio de Janeiro. Ele vivenciou o lado da desigualdade e da violência e

PRINCIPAIS OBRAS

Contos

Feliz Ano Novo (1975)

O Cobrador (1980)

Romance

Buffo e Spalanzanni (1985)

Agosto (1990)

conseguiu registrar essa realidade em seus textos.

DESTAQUES

Violência Social

Rubem Fonseca nos apresenta um mundo violento e bárbaro. Uma das principais temáticas do autor é a violência social. Ele traz, em suas obras, a violência das ruas brasileiras. Às vezes essa violência advém da desigualdade social, da pobreza, da obsessão pelo lucro das classes mais altas; outras vezes, a violência vem do interior do sujeito, independente da classe a que pertence. A investigação sobre a violência é tanto social quanto psicológica.

Solidão das Metrôpoles

A maior parte dos personagens vive oprimida pela grandeza das metrópoles, pela sensação de ser apenas mais um em uma cidade superpovoada e grande que os distancia dos outros, em uma lógica de tempo-trabalho que diminui os vínculos.

Pluralidade de Personagens

A obra de Fonseca abrange uma variedade enorme de tipos sociais. Advogados muito ricos, halterofilistas, delegados de polícia, assassinos profissionais, jornalistas, garotas de programa, travestis, etc. O foco do autor, no entanto, está nos dois extremos da pirâmide social: os marginalizados e os extremamente ricos.

DALTON TREVISAN (1925)

Dalton Trevisan é um dos escritores mais misteriosos da literatura brasileira. O autor se tornou uma personalidade enigmática desde que suas obras começaram a ser publicadas e passaram a ser elogiadas pela crítica, pois, a partir do sucesso, ele evitou participar da vida literária e fugiu de qualquer tipo de exposição pública, algo que ele tem em comum com Rubem Fonseca – aliás. Raras vezes ele aparece na imprensa e raras são suas fotos.

Nascido em Curitiba, o escritor – assim como Rubem Fonseca – é considerado um dos maiores contistas da literatura brasileira do século XX, com escrita acessível, linguagem coloquial e fonte de leituras muito prazerosas. As obras do autor foram traduzidas para várias línguas. O trabalho de Dalton é calcado quase em sua totalidade nas histórias curtas, tendo apenas um romance, *A Polaquinha*, de 1985.

PRINCIPAIS OBRAS

Novelas Nada Exemplares (1959)

O Cemitério de Elefantes (1964)

O Vampiro de Curitiba (1965)

DESTAQUES

Curitiba Mítica

Dalton Trevisan cria em seus contos uma Curitiba propensa às histórias mais incríveis. Essa Curitiba, cabe destacar, é uma cidade pré-metrópole, ou seja,

os contos se passam antes da transformação da cidade em metrópole, antes de sua industrialização. Uma Curitiba suburbana, conservadora, conformada e cheia de pecados, opressões, injustiça e desespero.

Crimes de Paixão

Segundo um crítico literário, os personagens de Trevisan são desgastados pelo convívio, pelo tédio, são eternamente inimigos, os casamentos são um fracasso, maridos matam mulheres, batem e humilham suas esposas. Em suma, são personagens incapazes de controlar suas paixões.

O Vampiro de Curitiba

Seu personagem mais famoso aparece já no título da obra, mas também em outros contos. Nelsinho é o vampiro de Curitiba, um jovem apossado, dominado pelo desejo sexual. Jovem galã dos anos 60, ele é um escravo do desejo sexual, um viciado que não consegue controlar os seus instintos.

LYGIA FAGUNDES TELLES (1923)

Considerada uma escritora tão subjetiva e introspectiva quanto Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles é conhecida por ser exímia contista. Escreveu um grande romance, considerado pela crítica literária um dos romances mais importantes da literatura brasileira, chamado *As Meninas*, publicado em 1973.

OBRAS PRINCIPAIS

Contos

Antes do Baile Verde (1970)

Venha Ver o Pôr do Sol (1987)

Romance

As Meninas (1973)

DESTAQUES

Infância

Lygia Fagundes, especialmente em seus contos, aborda a infância, mas não de uma forma ingênua e pueril. Em sua obra, as crianças passam por uma profunda angústia existencial e, como crianças, não têm condições de dar nome a essa angústia.

Conflito entre Pais e Filhos

Relacionado à temática da Infância, os contos de Lygia abordam o conflito entre pais e filhos, uma eterna (in)capacidade de comunicação entre gerações.

O Universo das Mulheres

Nesse sentido, temos uma aproximação da obra de Clarice Lispector. Lygia aborda o universo das mulheres e sua relação com a solidão.

CAIO FERNANDO ABREU (1948 - 1996)

Gaúcho de Santiago, Caio Fernando Abreu é um dos escritores mais peculiares da literatura brasileira contemporânea. Sua produção se dá no início dos anos 70 e, devido a algumas de suas publicações, ele foi perseguido pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social, órgão de repressão do regime militar). Essa perseguição ocorreu não só pelo teor de sua obra, mas também pela sua postura enquanto escritor abertamente homossexual, em uma época extremamente conservadora da ditadura militar brasileira. Isso, por si só, já era uma grande subversão. Caio, junto de filósofos como Michel Foucault, enxerga a homossexualidade com orgulho e como uma subversão bem-vinda em relação à ordem burguesa heterossexual.

O autor exilou-se na Europa e morou em vários países. Em 1994, ao voltar para a França, descobriu-se portador de HIV e voltou a morar em Porto Alegre, onde faleceu em 1996. Naquela época, o tratamento para o vírus ainda estava em seu começo.

PRINCIPAIS OBRAS

Contos

O Ovo Apunhalado (1975)

Morangos Mofados (1982)

Os Dragões não Conhecem o Paraíso (1988)

Romance

Onde Andará Dulce Veiga?
(1990)

DESTAQUES

Solidão nas Grandes Cidades

A sensação de ser apenas um em uma cidade enorme – marca comum na literatura contemporânea – aparece em vários contos do autor.

Contracultura

Caio traz em suas obras personagens pouco convencionais. Personagens que não se adaptam a um mundo de personalidades padronizadas. No entanto, esses personagens sofrem de uma desilusão geracional. Quer dizer, nos anos 60 tivemos o movimento hippie, os protestos feministas, os protestos pelos direitos dos negros e todo um espírito revolucionário que desemboca em um conservadorismo triste nos anos 70 e 80, o que deprime os personagens.

Homoerotismo

O autor abordou abertamente a temática da homossexualidade, o que causou muita polêmica na época da Ditadura. Um dos contos mais interessantes de Caio sobre o tema chama-se Aqueles Dois e faz parte de seu livro de contos mais importante, Morangos Mofados.

meSalva!